SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXI

NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1975

N.os 365/366

Avulso Esc. 10$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

Meditação do Natal

A NOBREZA DA HUMILDADE

Tal como oito séculos antes profetizara Miqueias, na pequenina Belém Eufrata nascia aquele que havia de *reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da antiguidade.* O Rei, ansiosamente aguardado, chegava, mas aos poderosos não chegou notícia do acontecimento, o que de certa maneira era surpreendente. Foram uns pobres pastores, na vigilância nocturna dos rebanhos, que tiveram o admirável anúncio e ouviram maravilhados louvores de *glória a Deus nas maiores alturas e paz na terra entre os homens.* A extraordinária *boa-nova* não permitiu sossego a estes humildes trabalhadores, que logo correram à cidade a ver o que se passava e encontraram um menino envolto em panos, deitado em rude manjedoura, já que na cidade só aquele modesto estábulo abrira suas portas para acolher aquele que vinha em nome do Senhor. Por isso, João Evangelista, diria que Ele *veio para o que era seu e os seus não o receberam.*

O povo hebreu aguardava ansioso a vinda do Messias. Desde os antigos tempos da instituição da Páscoa, no velho Egipto, quando o sangue do Cordeiro espargido nas ombreiras das portas fora o sinal de salvação, que os filhos de Israel adoptaram essa atitude de expectativa, de esperança, na vinda do Libertador. Isaías, profeta ilustre, contemporâneo de Miqueias, modesto camponês, anunciara a sua vinda em palavras de exaltação, proclamando: *Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.*

É certo que o mesmo Profeta acrescentara: *Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e como ovelha muda perante os seus tosquiadores não abriu a boca,* porém os israelitas deram mais atenção ao anúncio triunfalista, do que à sua missão redentora. Ele que vinha salvar o que se havia perdido.

O espírito messiânico é comum a muitos povos. Nós, portugueses, não temos sido indiferentes a esse sentimento. Todavia, o «messias» que o nosso espírito imagina é sempre aquele que melhor corresponde aos nossos sonhos, às nossas preferências e, até, ideais. O sebastianismo foi a concretização deste visionismo. O Desejado, que o povo aguardava numa manhã de nevoeiro, não era o jovem idealista e louco, que quase se suicidou em Alcácer-Quibir, mas um valente guerreiro, corajoso e lúcido, que o libertaria do odioso domínio castelhano. O povo português sempre alimentou sonhos desta natureza. Por isso, acolhe com fácil optimismo caudilhos que demagogicamente surgem a oferecer de bandeja a almejada felicidade. Com os filhos de Israel as coisas passaram-se de idêntica maneira. Do anúncio do Profeta, a esperança que retiveram era que *o governo estaria nos seus ombros e se assentaria no trono de David.* O Messias que esperavam não era o Libertador, mas um libertador que expulsaria o opressor romano e vingaria o orgulho nacional abatido pela dominação estrangeira. O menino, tão humildemente nascido, não podia corresponder ao sonho acalentado com tanto ardor. Assim mesmo, porém, o velho e traidor rei Herodes, o Grande, sentiu ameaçado o seu trono e ordenou a chacina dos inocentes na tentativa de destruir o Rei que chegava.

Continua na pág. 4

O ESCOTISMO MUNDIAL PROPOSTO PARA O PRÉMIO NOBEL DA PAZ

O Director do Instituto Nobel, de Oslo, anunciou que foram já recebidas 47 candidaturas ao prémio Nobel da Paz de 1975, parte delas já propostas em anos anteriores. Segundo as normas habituais, aquela entidade não revela os nomes dos candidatos propostos. No entanto, julga-se saber que entre os candidatos se contam o conhecido sacerdote brasileiro D. Hélder Câmara, a freira católica madre Teresa, que se consagra à população dos bairros de lata de Calcutá. Entre as organizações também propostas conta-se o Movimento Escoteiro Mundial.

NORDJAMB-75

UM JAMBORI NO SUPERLATIVO

Os 17 000 escoteiros que tiveram a sorte de participar no XIV Jambori Mundial, que se realizou na Noruega, com toda a certeza que estarão de acordo com o título que apareceu numa revista escotista daquele país: «*Um Jambori no Superlativo*».

O programa, ao nível de patrulha, que foi posto em prática pelos organizadores colheu êxito total e deu azo a que saíssem reforçados os laços de amizade entre os rapazes.

Mas qual é a imagem deixada pelos escoteiros após a sua «invasão»? A este respeito, o jornal local *Lillehammer Tilskner* publica na primeira página, no último dia do Jambori, os seguintes comentários:

«*Até à vista, escoteiros, é hoje o último dia do Jambori Mundial. Os esco-*

Continua na pág. 4



Eugénio Ribeiro Nunes

No dia 16 de Setembro p, p., a morte levou do nosso convívio o estimado companheiro Eugénio Ribeiro Nunes, que contava 62 anos de idade.

Escoteiro da velha guarda, manteve-se sempre fiel ao nosso ideal. Foi no Grupo 83, quando funcionou na sede da Junta de Freguesia de Santa Isabel, que ele prestou o compromisso de honra, donde, mais tarde, transitaria para o Grupo 99, em que seria sucessivamente guia de patrulha, guia de secção e escoteiro-chefe.

Em 1943, quando da segunda visita de Baden-Powell a Lisboa, foi a Ribeiro Nunes que coube a honra de conduzir a bandeira nacional na formação escotista que foi ao cais saudar o fundador do Escotismo.

Retirado da vida escotista activa, nem por isso esmoreceu o fervor de Ribeiro Nunes por este movimento. Quer colaborando em «Sempre Pronto» ou noutros jornais, quer trabalhando na Fraternal dos Antigos Escoteiros, onde, durante largos anos, desempenhou os cargos de vogal da Direcção e de relator do Conselho Fiscal, quer ainda no Núcleo de Lisboa da AEP, que secretariou, Ribeiro Nunes era infatigável. Assim, depois de breve passagem pela rádio, este nosso companheiro colaborou em diversos jornais, como «O Século», «Diário Popular», «República», «Gazeta do Sul», «A Província», «Jornal de Sintra», «Ecos de Belém» e outros. Era, desde há anos, colaborador efectivo do «Boletim do Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones». Colaborou ainda na organização da «Casa dos Rapazes da Cidade».

Os bombeiros voluntários foram outra das grande paixões de Ribeiro Nunes. É brilhante a folha dos serviços que prestou aos Voluntários de Campo de Ourique e do Dafundo, sendo inúmeras as condecorações e louvores recebidos. Chegou a ser o comandante desta última corporação.

Em 1961, um grupo de amigos homenageou-o pela passagem das *bodas de prata* como jornalista.

«Sempre Pronto» que esteve representado no funeral pelo nosso companheiro Xavier de Brito, que também representava a Fraternal, endereça à família enlutada a expressão do seu muito sentir, em especial a sua esposa, a sra. D. Florinda Pinto de Almeida Ribeiro Nunes.

Dr. António Ribeiro de Jesus

A leitura do boletim «Velha Guarda» do Comissariado dos Antigos Escoteiros da União dos Escoteiros do Brasil trouxe-nos a desagradável notícia da morte do Dr. António Ribeiro de Jesus, ocorrida em Brasília, em 25 de Julho último.

O Dr. Jesus era um grande amigo de Portugal. Filho de pais portugueses e com um irmão, mais velho, já falecido, também português, foi desde tenra idade educado no amor à terra lusitana. Sentia-se, em seu dizer, português como aqueles que o são.

Brigadeiro médico do exército brasileiro, foi o Dr. Jesus que acompanhou a delegação brasileira ao Jambori do Japão, em 1971, onde o nosso companheiro Manuel Rodrigues teve a oportunidade de com ele contactar e de conhecer a enorme admiração do saudoso escoteiro por Portugal e pela sua gente. «*Que felicidade sinto ao encontrar aqui um português!*», foi o desabafo dele na presença do nosso camarada ao se encontrarem naquelas longínquas paragens.

Em Agosto de 1973, quando regressava da Conferência Mundial do Escotismo que se realizou no Quénia, teve o Dr. Jesus o ensejo de dar realidade ao sonho que acalentava desde sempre: visitar Portugal. E a sua emoção foi tão forte que, ao descer em Lisboa, no Aeroporto da Portela, não se conteve e ajoelhou-se e beijou o solo português. Já anteriormente, em Brasília, quando da inauguração de um *jacto* da TAP, na presença das entidades oficiais, também não pôde reprimir o desejo de beijar a fuselagem da aeronave.

Durante a sua permanência entre nós, o conceituado dirigente brasileiro foi alvo de significativas homenagens por parte dos dirigentes associativos da AEP e do CNE, como seja a da oferta de um exemplar de «Os Lusíadas», que encheram de indizível prazer o seu generoso coração. Na mensagem que então dirigiu aos escoteiros do CNE, exclamava: «*Com o coração transbordando de alegria e felicidade, estamos em visita a esta Terra amada que é também a nossa Pátria*».

A morte do Dr. Jesus, que contava 58 anos de idade, representa sensível perda para o Escotismo Brasileiro. Era comissário regional e assistente regional para adestramento da UEB, cargos que desempenhava com grande proficiência, faceta da sua actividade a que um programa escotista da Rádio Rio Janeiro prestou, dias depois, a merecida referência e homenagem. Porém, a nobreza de sentimentos e os ideais de fraternidade que eram o recorte da sua personalidade, deixam, com a sua ausência, um vazio impossível de preencher.

«Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas à família e aos irmãos escoteiros da Pátria Irmã.

Percy Bantock Nevill

Em 30 de Julho último, a morte pôs fim à carreira de um dos mais devotados e distintos dirigentes escotistas britânicos, Percy Bantock Nevill, conhecido entre os membros do movimento escotista como P. B., sigla que tem a sua origem na inversão das letras da que foi usada, universalmente conhecida, por Baden-Powell - B. - P. -, o que, só por si, mostra a grande popularidade de Percy Nevill, pelo menos entre os dirigentes mais antigos da associação britânica, já que entre os mais modernos talvez fosse menos conhecido.

P. B. contava 88 anos e a sua permanência como dirigente escotista estendeu-se pelo largo período de 66 anos, pois à data da sua morte era ainda o vice-presidente, além de comissário honorário vitalício da Associação Britânica.

Era o mais velho sobrevivente dos companheiros de B. - P., pois foi em 1909, com a idade de 22 anos, que iniciou a sua carreira escotista, onde viria a desempenhar, com reconhecida eficácia, um extenso rol de actividades, pois que, além de trabalhar no escotismo, a sua posição neste movimento fez com que viesse a estar ligado a outras organizações filantrópicas, especialmente relacionadas com a juventude.

A Boy Scouts Association, ao tempo em que P. B. ingressou nas suas fileiras, era apenas um entusiástico bando de rapazes que, além de contar com B. - P. e seus ajudantes e com o *Scouting for Boys*, carecia de dirigentes já experimentados e amadurecidos. P. B., que era então um jovem guarda-livros, começou por fundar um grupo em Enfield, nos subúrbios de Londres. Graças a esta decisão, e segundo a opinião de um dos seus biógrafos, P. B. *criou, melhor que ter mudado, o rumo da sua vida.*

Como havia herdado do pai um sentido militar de urgência nas decisões e de sua mãe uma atracção pela gente pobre, é nos bairros humildes que P. B. vai exercer a sua acção. Disto é exemplo Poplar, outro subúrbio onde forma um novo grupo de escoteiros.

É por essa altura que ele aparece a trabalhar juntamente com Roland Philipps nos bairros populosos do East End. Porém, a trágica morte de Philipps em 1916 poderia ter afectado a obra empreendida se não fora a tenacidade de P. B., o qual tomou sobre os seus ombros toda a responsabilidade pelos trabalhos. Desde aí, fica ligado, por toda a sua vida, a Roland House, um centro escotista legado por Roland Philipps ao Escotismo Britânico.

Em 1919, o Fundador encarrega-o de encontrar um local apropriado para a instalação de um parque escotista, mercê da oferta de W. F. de Bois MacLaren aos rapazes de Londres. Começa aí a história de Gilwell. Quando B. - P. realiza ali o 1.° curso da Insígnia de Madeira, P. B. é um dos instrutores.

Uma antiga guia inglesa, Joan Woodroffe, casa em 1926 com P. B. Juntos empreendem, daí em diante, várias viagens através do mundo, levando a mensagem de B. - P. a longínquos centros escotistas. O Fundador distingue-o então com o *Silver Wolf*.

Nos anos 30, P. B. continuou reunindo apontamentos relacionados com as suas funções de comissário escotista, que continuava a desempenhar com invulgar zelo e apego. Durante a Guerra Mundial, P. B. comandou um grupo de defesa anti-aérea e organizou também os acampamentos Harvest, graças aos quais foi possível conseguir cerca de 150 toneladas de produtos de que havia grande necessidade.

Em 1943, os seus serviços ao escotismo foram recompensados com a entrega da Ordem do Império Britânico, que lhe foi conferida.

São muitas e variadas as actividades sociais e dentro do escotismo levadas a cabo por P. B. Porém, este dedicado dirigente britânico não ofereceu apenas o seu tempo e energia ao escotismo. Em 1947, comprou a casa contígua a Roland House e doou-a ao escotismo, o mesmo acontecendo com uma propriedade que possuía em Kingsdown, no Kent, onde foi instalado um parque de escotismo. No último ano, vendeu parte da sua colecção de selos com o fim de contribuir para os escoteiros diminuídos fisicamente.

Num mundo conturbado pelo egoísmo, P. B. é um exemplo flagrante da humildade e da alegria de viver uma vida sã e útil. Justifica-se, por estes motivos, o luto que caiu sobre Joan Nevill e sobre o Escotismo Britânico, aos quais *Sempre Pronto* acompanha com pesar.

Maria Alexandra S. do Rego Soares de Sá Viana

Em 17 de Setembro p. p., faleceu a sra. D. Maria Alexandra Simões do Rego Soares de Sá Viana, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Patten Sá Viana, antigo chefe do 2.° Grupo e dirigente da Fraternal

A este nosso velho amigo e a seus filhos, sra. D. Maria Rosa Vidigal e sr. Alfredo Manuel Soares de Sá Viana, apresentamos sentidas condolências.

Ernestina Coelho do N. Raposo

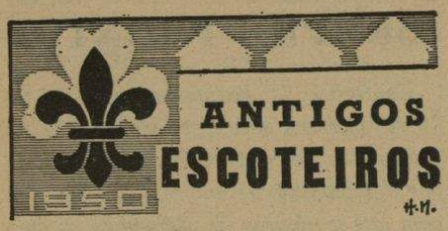
Em 9 de Novembro passado, faleceu a nossa estimada assinante sra. D. Ernestina Coelho do Nascimento Raposo, de 74 anos de idade, viúva do falecido antigo escoteiro do Grupo 1, Luís Eduardo La Rosa Raposo; mãe do antigo escoteiro e nosso assinante sr. Jaime do Nascimento Raposo, e irmã do nosso companheiro de trabalho no «Sempre Pronto» Ernesto Clímaco do Nascimento, e das sras. D. Perpétua Coelho Nascimento Penin e D. Maria Luísa Coelho Nascimento, antigas membros da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal.

A toda a família enlutada e em particular ao nosso estimado companheiro Ernesto Nascimento, apresentamos sentidas condolências.

Carlota Ferreira Macedo

Em 17 de Novembro passado, faleceu a sr.ª D. Carlota Ferreira Macedo, viúva, de 88 anos de idade, mãe do nosso estimado camarada de trabalho Capitolino Ferreira Macedo e avó do nosso companheiro arquitecto Rui Horácio Monteiro, subchefe do Grupo n.° 94, de Lisboa.

Particularmente a estes nossos amigos e a toda a família apresentamos condolências sentidas.



A Fraternal do Brasil saúda os Antigos Escoteiros de Portugal

No Brasil, comemorou-se a 20 de Julho o «Dia do Antigo Escoteiro». Por esse motivo, o Comissário Nacional dos Antigos Escoteiros, sr. Horácio Raposo Borges, Filho, saúda-nos e diz: «...aqui vai nosso fraternal abraço e votos de futuro longo e repleto de actividades benéficas ao nosso Movimento e à colectividade em geral».

Agradecemos as palavras amigas, que sinceramente retribuímos, bem como a flâmula da União dos Escoteiros do Brasil, que nos foi remetida.

Que os nossos irmãos brasileiros tenham tido um Dia de Antigo Escoteiro de grande fraternidade.

A XI Assembleia Geral da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias

Conforme *Sempre Pronto* noticiou, realizou-se em Agosto findo, em Aalborg (Dinamarca) a Assembleia Geral da Fraternal Internacional, onde esteve presente o nosso companheiro Wolfgang Karl.

Entre as resoluções que foram tomadas, avulta a eleição dos membros para os lugares vagos do conselho directivo, o qual, por esse motivo, ficou com a seguinte constituição: *Presidente:* Philippe Tossijn (Bélgica): *Vice-presidente:* Edmund Keldsen (Dinamarca); *membros:* Louisette Gottraux (Suíça); Tore Hoye (Noruega); Léon Keiser (Luxemburgo); Henri Koenig (França); Gloria Lowson (Grã-Bretanha); Auguste Maquet (Bélgica); Rolf Oehring (Alemanha Federal); Francesca Savini (Itália); Co van Moorselaar (Holanda) e Margareta Waldenström (Suécia).

Por força do artigo IV-5 da Constituição, fazem ainda parte do conselho *Sir* Bernard Chacksfield (Grã-Bretanha); Kata Jouhki (Finlândia); Suzanne Pritt (Bélgica) e Albert Guys (Bélgica), os dois últimos como secretário geral e tesoureiro, respectivamente.

A assembleia geral ficou constituída, tendo como presidente Alf Schottz-Christensen (Dinamarca) e como vice-presidente Harry Hynd (Grã-Bretanha).

Outras resoluções: manutenção do intervalo de dois anos entre as assembleias gerais, do actual nome do organismo e das duas línguas oficiais: aprovação da declaração de fins e princípios, intitulada «Carta».

Em agradecimento pelos serviços prestados, foi aprovado que Lis Starcke e Ada Cornil tenham a designação de membros de honra durante quatro anos.

Durante a assembleia geral, foi aprovada uma mensagem, dirigida à UNESCO, em que se afirma a confiança no ideal de paz, de compreensão e de tolerância entre todos os povos e comunidades do mundo e em que se reitera a determinação da Fraternal de colaborar para esse fim com todas as instituições e organismos animados desse mesmo ideal, ao mesmo tempo que conta com a UNESCO para contribuir para esse fim através de todas as suas secções e em todas as actividades, sem discriminação alguma de raça, sexo, crença ou opinião.

Embora a Índia tenha em princípio feito convite para que sejam realizados naquele país a assembleia geral e o seminário de 1979, durante as reuniões de Aalborg não foi possível tomar qualquer resolução a esse respeito, aguardando-se convites, para o efeito, de outros países.

ULTRAMAR

Companheiros que regressam

José Dinis Camacho

Este nosso muito dedicado assinante e antigo escoteiro do Funchal, que há 25 anos se encontrava radicado em Angola como trabalhador do caminho de ferro, encontra-se em Lisboa a regularizar a sua vida profissional, depois do que deve regressar à cidade da sua naturalidade.

O nosso irmão-escoteiro, fiel aos seus ideais escoteiros, arriscou em Moçâmedes a sua vida em socorro de um seu camarada vítima de acidente profissional, do que resultaram a ele próprio graves ferimentos, de que ainda a sua saúde se ressente. Não sabemos pormenores do seu acto, porque modestamente não os refere.

* * *

De Nampula, Moçambique, regressaram também a Portugal, fixando residência nos arredores da capital, os nossos companheiros escutas srs. Manuel Jorge Nogueira Costa e António Fernando Serigado Neves, a quem saudamos e apresentamos boas-vindas.

Apelo aos escoteiros retornados

Um dirigente escuta retornado apresenta a sugestão interessante de promover um encontro entre os muitos escoteiros, dirigentes e antigos escoteiros regressados do Ultramar. A ideia merece todo o apoio de «Sempre Pronto», que está pronto a cooperar na sua promoção. Pede-se aos nossos companheiros retornados que nos escrevam a dar os seus endereços em Portugal, bem como a sua identificação escoteira ou escuta ou, mesmo das Guias de Portugal. Este encontro não teria barreiras associativas, mas seria simplesmente Escoteiro.

O Brasil na Fraternal Internacional

A Comissão Executiva Nacional da União dos Escoteiros do Brasil solicitou à Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias a filiação dos Antigos Escoteiros Brasileiros naquela organização internacional.

É com muito prazer que veremos a presença dos antigos escoteiros da Nação Irmã nas actividades daquela organização, onde tal ausência se tornava bastante notada, especialmente para nós, portugueses.



"SOU DE ACORDO DA DESIGNAÇÃO DE CHEFE"

De Nova Lisboa, escreve-nos o E. C. João Amaro Barbosa, que nos diz:

Quanto ao vosso artigo "Em busca da designação certa...", sou de acordo da designação de "CHEFE", pois, por mais antipática que seja, é ainda a mais adequada, a meu ver.

Lobo Matreiro

Escotismo em Angola

Operação de solidariedade humana

Nos passados dias 9 e 10 de Maio, os escoteiros neo-lisboetas bateram de porta em porta pedindo para a campanha de solidariedade a favor das vítimas dos acontecimentos de Luanda que ficaram sem lar. Conseguiram obter muita roupa, dinheiro e géneros de primeira necessidade.

Os escoteiros de Nova Lisboa estão e estarão aptos para proteger o próximo sob o lema: «Com o povo e para o povo de Angola». — A. B.

AMIGOS EM TODA A PARTE

Um pedido do Brasil

O Escoteiro Régis Salerno de Aquino, do Grupo Escoteiro da cidade de Araraquara, deseja corresponder-se com irmãos-escoteiros portugueses. Quem responde ao apelo ?

O endereço é Grupo Escoteiro de Araraquara — 21 SP, Brasil.

PEDAGOGOS PORTUGUESES OPINAM SOBRE ESCOTISMO

General Bernardo de Faria

(Director do Colégio Militar)

«... O Escotismo representará na verdade uma instituição útil para a raça portuguesa ?

Ai do povo que não compreender o que seja o objectivo para que tende essa orientação da actividade moderna, iniciada há cerca de um século e cada dia mais decisivamente se afirma, Serão irresistivelmente vencidos aqueles que oportunamente não virem que o homem estará tanto mais apto a dominar os acontecimentos quanto melhor se tiver adaptado a esse movimento realista, visando a utilização dinâmica da sua actividade.

As práticas do Escoteiro, todas tendentes a ampliar, no quadro do seu mecanismo mental, as qualidades de bom senso instintivo e de experiência concreta, constituem, a meu ver, uma sólida garantia de que àquela pergunta possamos dar uma resposta categoricamente afirmativa.»

(1.ª Conferência Nacional de Escotismo — 1925).

MEDITAÇÃO DO NATAL

A NOBREZA DA HUMILDADE

Continuação da pág. 1

Mas não seria só no seu nascimento que o Messias faria decepcionar os sonhos de grandeza e de glória dos israelitas. A vida de Jesus, tão humilde e pacífica, continuava a não corresponder às esperanças judaicas. A sua juventude, vivida no trabalho como simples artesão, não parecia justificar a linhagem do Rei David, embora os doutores se tivessem deixado surpreender e encantar pela sabedoria do adolescente com quem no templo estabeleceram, em dado momento, interessante diálogo. Mais tarde, em pleno apostolado, o Messias afirmava: — *eu vim para servir.* Um rei que serve era ideia inadmissível naquela época e ainda hoje dificilmente aceitável. Mas, ainda, Ele comia com trabalhadores; confraternizava com funcionários do fisco romano; aconselhava mulheres pecadoras. Isto escandalizava as classes poderosas, os fariseus, os sacerdotes. Quando os discípulos disputaram entre si qual deles seria o chefe, logo o Mestre se apressou a ensinar: *se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro e o servo de todos.* Quando dobrou os seus joelhos e singelamente lavou os pés a seus companheiros, não praticou qualquer ritual ou formalismo, mas serviu os discípulos na satisfação de uma necessidade de quem tinha palmilhado as poeirentas veredas da Palestina. A nobreza de Jesus afirmava-se na humildade e impunha-se pelo espírito de serviço. Certa vez, as autoridades mandaram esbirros para o prender, mas estes regressaram confundidos sem cumprir as ordens porque, reconheciam, *jamais alguém falou como este homem.* O Filho do Homem era respeitado pela sua simplicidade; a sua soberania emergia naturalmente de uma personalidade humana e vigorosa, mas simples; era a grandeza da humildade, paradoxo perfeitamente divino, que se afirma em toda a obra da natureza, simultaneamente maravilhosa e simples.

Na Galeria Nacional de Londres, célebre museu de pintura, existe um extraordinário quadro de Gerard van Honthorst (século XVIII), que representa Cristo perante o Sumo Sacerdote. O artista, abandonando a imagem de um Cristo derrotado, sofrendo, apresenta-nos Jesus exalando tranquilidade, sereno, perfeitamente humilde e digno, perante um inquiridor velhaco que lhe faz a capciosa pergunta: *Logo tu és o Filho de Deus?* A que o Mestre responde: *Vós dizeis que eu sou.*

O diálogo com Pilatos revelaria a mesma autenticidade. Este perguntar-lhe-ia: *Logo tu és o Rei dos Judeus?* A que dignamente retorquiu: *Tu o dizes.* A soberania de Jesus afirmava-se de novo na mais nobre humildade, escândalo inadmissível para o orgulho judaico, que esperava um Rei que triunfaria pela grandeza do poder, pela soberania da força.

Através dos séculos, os cristãos não têm sido diferentes dos judeus. A humildade de Jesus não tem sido compreendida como factor de soberania, de nobreza. Ao comemorarmos o Natal, esquecemos o menino que nasceu pobre e desprezado em Belém, e recusamos aderir a tal humildade. Sonhamos com grandeza, com poder, com força, e mesmo quando nos recordamos dos pobres e desprotegidos ainda aí afirmamos a nossa vaidade e orgulho. Felizmente que nós, escoteiros, fomos beber ao Evangelho esse imperativo de humildade, de simplicidade, que nos leva a procurar ser os primeiros através do serviço como única forma de autêntica grandeza.

O movimento escoteiro talvez tenha perdido muito do seu conteúdo, do seu interesse, exactamente porque tem esquecido a sua principal característica — o serviço. Foi este espírito que impôs o Escotismo ao respeito e consideração dos portugueses nos primeiros anos de actividade. Para que possamos reconquistar essa nobreza teremos de voltar a servir, a procurar ser úteis ao nosso semelhante em cada momento das nossas vidas, quer sejamos um simples jovem escoteiro ou um velho dirigente. Aquele de entre nós que quiser ser o primeiro seja o que sirva. É este o espírito do Natal.

EDUARDO RIBEIRO

«SEMPRE PRONTO»

Conforme já havíamos referido no último número, um arreliador atraso na preparação de Sempre Pronto, *motivado por dificuldades da empresa gráfica, fez com que o número de Setembro só chegasse aos nossos estimados leitores quando decorria já o corrente mês de Dezembro.*

Em face desse estado de coisas, e para evitar que continuássemos a publicar números desactualizados deste jornal, resolvemos cancelar o número de Outubro e publicar um número duplo, correspondente aos meses de Novembro e Dezembro, que é este que todos os nossos Amigos estão agora recebendo.

Dado tratar-se de caso de força maior, para o qual Sempre Pronto *não concorreu, pedimos a todos que compreendam o carácter de excepção desta medida e nos desculpem os inconvenientes que nela se possam conter, mas que são os mínimos que é possível causar aos nossos generosos Amigos.*

«NORDJAMB-75»

Continuação da pág. 1

teiros vão voltar para os seus lares. A verdade é que muitos de nós pensávamos que estes últimos dias seriam de assembleias ruidosas, de roubos em lojas, florestas a arder; que se veriam as estradas obstruídas e os hospitais a transbordar... Mas o certo é que é exactamente o contrário que está a acontecer, com grande benefício do meio ambiente local. Longe de poluírem ou de criarem problemas, os escoteiros fizeram desaparecer todos os detritos que juncavam as margens do Lago Mjosa e deram sangue para o banco de sangue. Percorreram as montanhas sem provocar qualquer estrago.

A que se deve todo este êxito? Pensamos que tem a sua origem, em grande parte, no espírito escotista, um espírito que não deixou de conquistar todos os visitantes que estiveram no acampamento. 17 000 escoteiros que se reuniram para empreender actividades feitas de simplicidade e de calma, para confraternizar num jogo de uma maneira sincera... Um espírito de camaradagem e de colaboração que nunca cessou de existir durante todos estes dias. Esta permanência em Lillehammer foi certamente um dos pontos culminantes da vida destes 17 000 jovens. Obrigado por terdes vindo! Tivemos realmente um imenso prazer em vos acolher e com certeza que iremos sentir muito a vossa falta».

De *World Scouting Newsletter*



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O Escotismo passou de moda?

Periodicamente é levantado o assunto de colocar o escotismo ao gosto da época, de o modernizar. Diz-se que vivemos na idade do triunfo da técnica e dos milagres mecânicos. Rádio, motores de reacção, televisão e outros testemunhos do progresso da ciência do homem são provas de que o escotismo deve alargar o seu campo de acção se quer dirigir-se ao rapaz de hoje.

Porque se há-de cozer uma refeição num fogo de lenha ao ar livre quando se pode comprar maravilhosos aparelhos para esse fim? Ou porque partir em explorações para acampar quando há comboios e autocarros? Porque, finalmente, ir ao campo com o trabalho da montagem das tendas, fazer cama de inumeráveis coisas, quando é possível ter todo o conforto por uma quantia muito módica, no que se chama injustificadamente «acampamento de férias». Porque termos nós próprios canções de fogo de conselho e organizarmos entre nós os nossos passatempos, quando podemos mover o botão do receptor de rádio e, deitados, escutar confortavelmente?

Na realidade *nós estamos desesperadamente passados de moda*, e é por isso que o escotismo atrai sempre os rapazes. Naqueles casos em que não tem êxito, isso é devido em geral a uma negligência nestes factores *demodés* que traem o rapaz de hoje.

. . . . . .

A mecanização crescente do nosso século, acompanhada de uma maior dependência do indivíduo, torna cada vez mais importante esta forma compensadora de treino que o escotismo oferece e pela qual o indivíduo é encorajado a depender da sua própria destreza e a fazer ele mesmo as coisas de que tem necessidade.

Quanto mais mecanizarmos o escotismo mais ele se tornará dispendioso e isso significa inevitavelmente que cada vez os rapazes terão menos meios para entrar no movimento.

A minha conclusão pessoal é que o escotismo faz sempre apelo ao instinto do rapaz pela natureza e se este apelo puser de parte as actividades modernas mais superficiais, o escotismo não sofrerá por isso. Tal não significa que seja preciso menosprezar ou ignorar o progresso das invenções ou das realizações mecânicas. Isso deve ficar para as nossas considerações secundárias. Devemos permanecer firmes na nossa convicção de que uma fogueira ao ar livre e uma marmita significam mais para o rapaz do que último modelo de autocozinha.

Reynolds

ENRIQUE GENOVÉS

O nosso velho amigo e companheiro, tenaz lutador do Escotismo, mesmo no tempo em que era ingrato afirmar fidelidade aos ideais de fraternidade do nosso Movimento, foi recentemente distinguido com a Medalha de Prata da Juventude pelo Ministro Herrero Tejedor, do Governo Espanhol, por proposta do Delegado Nacional da Juventude.

«Sempre Pronto» e os que aqui trabalham saúdam em Enrique Genovés todos os que, através de tantas vicissitudes, afirmaram sempre a sua fé escoteira e felicitam aquele nosso companheiro pela merecida distinção.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Em Novembro passado, efectuámos uma cobrança postal para fora de Lisboa, da qual registámos algumas devoluções. Alguns assinantes não foram encontrados em suas residências, ocorrência absolutamente natural. Outros, porém, não liquidaram os recibos em dívida.

A cobrança postal fica agora por um custo exorbitante, mesmo quando não é realizada. Como temos em algumas localidades um único assinante, uma cobrança, mesmo devolvida, custa-nos quase 10$00.

Somos, por isso, forçados a fazer apelo muito sincero aos nossos assinantes, que por qualquer razão não puderam fazer o pagamento das assinaturas, que nos mandem a respectiva importância em cheque, vale do correio ou selos postais de 3$00.

Mas se algum amigo não quer assinar o «SEMPRE PRONTO», ainda nos faz um favor em nos dar a conhecer essa sua vontade. Pode mesmo devolver simplesmente o jornal. Ninguém se deve sentir coagido a assinar «SEMPRE PRONTO», mas não é razoável que só à apresentação do recibo, depois de obrigar a despesa, se lembre que não deseja fazê-lo.

Apelamos, pois, para a boa colaboração dos nossos amigos.

A «Scout Association» tem novo presidente

A Rainha Isabel, de Inglaterra, designou o Duque de Kent para ocupar o lugar de presidente da Scout Association, em sucessão do último Duque de Gloucester.

Nas boas vindas ao designado novo presidente, o escoteiro-chefe geral, *sir* William Gladstone, disse: «Sentimo-nos desvanecidos por S. Alteza se tornar nosso novo presidente e estamos convencidos de que, dentro das limitações da sua vida muito sobrecarregada, dará grande incentivo não só ao meio milhão dos nossos rapazes, mas talvez em especial aos seus 75000 voluntários chefes adultos».

O Duque de Kent não era ainda membro do Movimento Escotista, mas seu pai—primeiro como Príncipe Jorge e mais tarde como Duque de Kent (tragicamente morto na Guerra Mundial)—foi comodoro dos Escoteiros Marítimos entre 1929 e 1942.

A Carta Régia da Associação, dá à Rainha, como sua patrona, os poderes para designar o presidente.

O Duque de Kent, no entanto, ainda não acedeu a aceitar o lugar.

Diapositivos do Nordjamb-75

Os escoteiros de todo o mundo podem obter uma série especial de 15 diapositivos em cores acerca do Jambori Mundial «Nordjamb-75», que compreende vista aérea do acampamento, o símbolo «A Mão», os reis da Noruega e da Suécia e outras vistas. Quem quiser receber estes diapositivos deve enviar cheque de 45 coroas dinamarquesas a *Slide Set, Nordjamb-75, Lundsgade, DK-2100, Copenhague, Dinamarca.*

A Secretaria Mundial do Escotismo, em colaboração com o NORDJAMB, oferece ainda uma série de 50 diapositivos em cores a todos os escoteiros que não puderam participar no Jambori, mediante o preço de 50 francos suíços ou 20 dólares americanos, a enviar para C. P. 78, 1211 Genebra, 4, Suíça. Nestes preços estão incluídas todas as despesas.

Um filme de 16 mm. com 45 minutos de duração de passagem está em preparação, assim como um livro de recordações de NORDJAMB-75, sobre os quais serão oportunamente enviados pormenores.

DOS AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

ACIDENTE

O nosso estimado amigo e colaborador sr. Rui Cunha, antigo escoteiro e dirigente do extinto Grupo n.° 53, sofreu uma queda em sua casa de que resultou a fractura de um pulso. Lamentamos o acidente e fazemos votos sinceros por um rápido e perfeito restabelecimento.

CASAMENTO

No passado dia 19 de Outubro, na igreja paroquial dos Anjos, efectuou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Helena Pereira Domingos com o nosso estimado assinante sr. Elísio Pimenta Gonçalves, que foi escoteiro fundador do Grupo n.° 22, com sede no Cacém. Após a cerimónia, foi servido num restaurante de Lisboa um agradável copo-de-água.

«Sempre Pronto» formula os mais sinceros votos de felicidades aos jovens noivos.

VISITAS

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso estimado amigo e antigo correspondente em Olhão, sr. Francisco Militão dos Santos, que, acompanhado de sua esposa, esteve aíguns dias em Lisboa. Agradecemos.

Escotismo em Espanha

Escoteiros espanhóis no Nordjamb

Os escoteiros do país irmão voltaram a tomar parte nos Jamboris Mundiais, eis uma notícia que lemos com aprazimento no *Boletin Circular de los Exploradores de España.*

Os escoteiros seleccionados para esta actividade estiveram reunidos em acampamentos de preparação que se realizaram, durante a Semana Santa, em Madrid, Múrcia e Saragoça.

Insígnia de Madeira

Foi concedida a Insígnia de Madeira, ou do Bosque, a vários escoteiros espanhóis.

Entre os que receberam esta alta distinção escotista, vê-se o nome de Juan Francisco Genovés Azpeitia, filho dos nossos queridos amigos e antigos colaboradores Enrique Genovés e Loreto Azpeitia y Lopez Ayala y Genovés. Bem nos lembramos de conhecer Juan Francisco, ainda bebé, em sua casa, em Madrid.

Um abraço, com os desejos de felicidades e *boa caça!*

«SEMPRE PRONTO»

ADMINISTRAÇÃO

Diversos assinantes têm vindo ao encontro desta administração, remetendo-nos o valor de suas assinaturas. Este é um serviço muito útil porque a cobrança postal fica agora por um custo exorbitante. Pedimos desculpa de não citar os seus nomes, mas creiam que estamos muito gratos.

★

Por intermédio de seu Pai, o nosso ilustre colaborador Rev. Eduardo Moreira, o antigo escoteiro do Grupo n.º 1, Sr. Dr. Ernesto Moreira, teve a gentileza de nos enviar Esc. 500$00 para auxílio do «Sempre Pronto». Muito gratos, endereçamos-lhe as nossas saudações.

Também o nosso assinante, o dirigente escoteiro Sr. Vítor Manuel da C. Ferreira fez o favor de pagar a sua assinatura anual com Esc. 200$00, o que muito agradecemos.

Marco do Correio

O agravamento das taxas postais leva-nos a fazer reaparecer esta coluna, na qual procuraremos dar breves respostas a assinantes e leitores que nos escrevem fazendo perguntas ou dando esclarecimentos, que sempre agradecemos.

LOBO MATREIRO — Murtosa. Agradecemos a informação.

CARLOS CAMPOS — Trofa. O único livro que temos além daqueles que refere é o manual de 1.ª classe «Mais Além», que custa apenas Esc. 15$00. Vamos transmitir o seu pedido ao S. M. U. da AEP, mas duvidamos que tenham outras obras.

ASSINANTES DO BRASIL — O custo da assinatura para estes nossos companheiros é de Esc. 60$00, via normal, e Esc. 85$00 por avião. O pagamento poderá ser em cheque sobre Lisboa através do Banco do Brasil ou da Agência Financial de Portugal, no Rio de Janeiro. Respondemos assim a diversas perguntas que nos têm sido feitas.



GRUPO N.º 5

Dia Mundial da Criança

Os Escoteiros do Grupo n.º 5, de Lisboa, participaram nas comemorações do Dia Mundial da Criança, tendo reunido no domingo, dia 12 de Outubro, no Castelo de S. Jorge, onde montaram em suspensão uma tenda canadiana, empregando mastros e espias. Aqui, colocaram diversos trabalhos feitos pelos rapazes, como desenhos e fotografias de actividades.

A actividade despertou a atenção do público que acorre a desfrutar aquele lugar aprazível, que assistiu com interesse à festa de campo efectuada, tendo sido formuladas muitas perguntas sobre Escotismo.

Os Escoteiros efectuaram ainda uma distribuição de milho aos pombos.

GRUPO N.º 8

Organização do Grupo

Este grupo tem continuado a sua actividade e têm sido estudadas novas directivas no sentido de tornar mais eficiente a sua acção.

Dentro deste objectivo, foi o grupo dividido em secções, onde são agrupados os escoteiros de harmonia com as suas idades.

Acampamentos

Durante o Verão, o grupo realizou diversos acampamentos, em Sintra e na Costa de Caparica, com a presença de bom número de escoteiros.

Compromisso de Honra

Durante o acampamento do «Jambori para Todos», prestaram compromisso de honra os membros deste grupo Ricardo Jorge Ferreira Gonçalves dos Santos e José António Ferreira Gonçalves dos Santos.

Princípios Fundamentais do Escotismo

— Serviço de Deus/Religião.
— Lealdade para com a Pátria.
— Crença na amizade e na fraternidade mundiais.
— Serviço do próximo.
— Adesão e fidelidade à Promessa e à Lei escoteiras.
— Carácter voluntário da participação no movimento.
— Independência de qualquer influência política.
— Um programa para fazer, dos rapazes e jovens, cidadãos responsáveis, programa baseado nos sistemas de patrulhas e de grupo, no progresso de provas e de insígnias e em actividades ao ar livre.

(Le Scoutisme Mondial — Feuille d' Information, de 15-XII-969, do Bureau Mondial du Scoutisme)

LVII Poemeto filatélico

Ante o selo comemorativo do Ano Santo, 1975.

«Ano Santo»: manda Roma
que seja o «setenta-e-cinco»...
mas porque é que assim se toma
com tão litúrgico afinco?

Então os «setenta-e-tantos»,
por força do Calendário,
Vão de deixar de ser santos
no correr do tempo vário?

«Santos sereis», disse Deus
em três bíblicas lições,
«porque Eu sou santo, e sois meus».
E não pôs tais restrições!

EDUARDO MOREIRA

Uma nova publicação da Repartição Mundial do Escotismo

«O Escotismo através do Mundo»

Esta é hoje a melhor publicação disponível sobre o Escotismo Mundial e sobre as associações escoteiras nacionais, membros da Organização Mundial do Escotismo. São 130 páginas, repletas de inesgotáveis informações. Começa por uma descrição ilustrada da Organização Mundial: sua origem, seu fim e sua estrutura administrativa. Em seguida, encontrareis acerca de cada país, as caraeterísticas de cada associação escoteira nacional: os traços particulares do programa, ideias engenhosas sobre projectos de trabalho; recolha de fundos; administração; relações públicas, etc.; datas importantes; o lema; os limites de idade e o recenseamento de cada secção, assim como a Promessa e a Lei.

As ilustrações compreendem quase todas os desenhos de Baden-Powell, as anedotas escoteiras e seis páginas de fotografias de escoteiros em acção. A introdução, a chave, o índice, a lista de publicações são bilingues. Assim, os leitores de língua francesa poderão tirar proveito deste livro. Trata-se de uma publicação que contribuirá para uma mais ampla compreensão do papel que o Escotismo desempenha no mundo de hoje.

O custo da obra é de 12 francos suíços ou $.50. Os pedidos podem ser feitos directamente ao «World Scout Bureau» em Genebre, Suíça, ou através do «Sempre Pronto», para vários exemplares.

Um pedido aos leitores

Pedimos aos nossos estimados Leitores que nos requisitem exemplares do «Sempre Pronto» com mais de 30 dias sobre o mês da publicação, o favor de nos remeterem 2$50 em selos para uma remessa de 50 g, taxa postal agora em vigor.

Para se fazer uma ideia dos exorbitantes aumentos das taxas postais para a imprensa, bastará dizer que, ainda há relativamente pouco tempo, antes do penúltimo aumento, um exemplar de 50 g pagava apenas cinco centavos.

O PROBLEMA DOS ADULTOS NAS ORGANIZAÇÕES JUVENIS

Do «Boletin de los Exploradores de España» transcrevemos com a devida vénia.

Há dois ou três anos, li os resultados de um inquérito à escala mundial realizado pela UNESCO entre associações juvenis de todos os géneros, com o qual se pretendia saber se estas desejavam, consideravam conveniente ou recusavam a presença nelas de adultos. No final, viu-se que uma maioria esmagadora considerava imprescindível a colaboração, ajuda e protecção dos adultos nas suas associações juvenis, desde que isso não se transformasse em «mando exclusivo» ou a opinião dos jovens, a sua representação e intervenção não contassem para nada.

É muito realista esse resultado. Se analisarmos as associações juvenis que são alguma coisa, que se projectam no tempo, progridem ou se mantêm num nível apropriado, havemos de comprovar que todas contam com uma plataforma de apoio e protecção constituída por adultos que, independentemente de lhe oferecerem trabalho, experiência e, quiçá, meios económicos, contribuem sobretudo para assegurar a continuidade sem a qual não há labor possível.

Que sejam os adultos que mantenham essa continuidade juvenil parece paradóxico, mas não o é. O segredo está em que eles vivem uma idade mais estável, menos sujeita a mudanças — físicas, psicológicas ou profissionais, — já que nos jovens — infância, puberdade, adolescência — tudo acontece ao contrário. O período da juventude é breve — para o nosso caso considerámo-lo dos 8 aos 21 anos — em comparação com a idade adulta, dos 22 aos 60, para lhe fixar um limite. Ainda resultaria muito mais curta a etapa juvenil se a contemplássemos à luz do que poderíamos denominar «idade de associativismo voluntário», que se pode situar entre os 14 e os 20 anos. Daí o motivo por que grupos, clubes ou associações exclusivamente juvenis nascem e morrem com tanta rapidez.

O Escotismo encontra-se entre as associações que são alguém, que progridem e permanecem e contam com uma base de apoio de adultos. Para manter uma estrutura que permita ao Escotismo alcançar os seus fins e considerar o rapaz como um indivíduo e não como um ente massificado, são precisos mais adultos dos que à primeira vista parece.

Se partirmos do princípio que num Grupo completo, composto por 24 lobitos, 32 escoteiros, 32 exploradores, e talvez 15 caminheiros, o que totaliza 103 membros, deve haver 12 chefes, 1 conselheiro e 5 membros da direcção, isto é, 18 adultos, teremos uma ideia de qual é o problema. Calculemos agora todos os que são precisos na Região e a nível nacional e ficaremos com uma ideia aproximada da amplitude do problema.

Não sei se em Espanha há uma clara noção desta necessidade de adultos. Penso, às vezes, que não, isto por que, em termos gerais, parece que subsistem atitudes contraditórias. Por um lado, parece que estamos interessados em captar adultos; por outro, dá-me a impressão que fazemos muito pouco no sentido de os mantermos entre nós, queimamo-los rapidamente, aborrecemo-los, quando não se dá o caso de pormos as coisas de tal maneira que acabamos por gerar neles a frustração.

Causa-me horror dar conta de que, entre esses entusiastas chefes de 18 anos, há os que pensam que todos os adultos de mais de 25 anos são um estorvo e ver, depois, que eles não são capazes de permanecer ao serviço além de três ou quatro anos. Quantos há que pensam que aquele que persiste no desempenho de qualquer cargo é só por amor a esse posto e não por amor ao escotismo, ou que a constância ou permanência em lugar de ser algo que merece louvor e reconhecimento, é algo que se deve combater com o «já está muito visto»?

Não sei se temos consciência do que custa formar um bom chefe ou um bom dirigente. Custa tempo, trabalho, compreensão e dinheiro. Talvez em muitos casos estejamos a dilapidar esse precioso capital. Se compararmos a lista de chefes e dirigentes de há apenas 10 anos atrás com a actual, quantos nomes insertos naquela persistem no activo, naquela ou noutra missão? Homens que poderiam estar a dar um rendimento óptimo, que teriam alcançado algum conhecimento, uma preciosa experiência, foram-se embora ou obrigaram-nos a isso. Porquê?

Há no mundo uma clara consciência disto e as associações escoteiras esforçam-se por resolver um problema que se oferece sob diversos aspectos. Desde a «crise de vocação de serviço», consequência de um mundo materializado, até à disponibilidade de tempo após os atractivos de toda a espécie que oferece a civilização. E buscam-se as soluções: desde o se facilitar o trabalho até à contratação de profissionais (parte-se do princípio que deve haver um para cada mil rapazes) que, se bem parece isto quedar-se em romantismo no escotismo, se fazem ganhar em efectividade e possibilidades.

Há que captar adultos e fazer esforço para os conservar. Sabemos qual é a consciência da perda de adulto? O Sr. Visseaux, comissário geral dos Scouts de France, afirmava em «*Le Monde*» de 26 de Fevereiro último que «a conta é muito simples, se soubermos que, por cada vez que perdemos um responsável em qualquer classe perdemos dez rapazes». E dá o seguinte exemplo: «Em 1970. fosse pelas consequências dos acontecimentos de 1968, fosse porque nessa altura a associação buscasse novo caminho, abandonaram-nos, entre outros, dois mil chefes de lobitos. Seis meses depois, tínhamos perdido vinte mil lobitos. O escotismo é um devorador de chefes».

O sr. Visseaux aponta ainda outro problema. Diz que oitenta por cento dos seus chefes são jovens de 18 a 20 anos. «Eis a nossa grande riqueza e a nossa grande preocupação, porque embora eles possam ter maturidade de espírito, raramente entre eles se encontra uma experiência pedagógica suficiente».

A questão parece estar muito clara. Necessitamos de adultos em quantidade e que estes possuam qualidades e experiência. Aquela há-de resolver-se graças a um permanente esforço de captação entre os melhores homens da comunidade. A qualidade e experiência conseguir-se-ão através de um esforço permanente para os conservar no activo, o que não é o mesmo que os imobilizar num cargo. Em ambos os casos, o que deve permanecer é o sentido de utilidade para o escotismo, sua disponibilidade e eficácia naquela que for a sua missão, sua vontade de servir, ainda que só colando selos, porque tudo é útil. Todos somos necessários, embora ninguém seja imprescindível.

Enrique Genovés

Escoteiros peruanos visitam os índios caçadores de cabeças

Os escoteiros do grupo 109 da cidade de Iquitos no norte do Peru, fizeram uma longa viagem através da selva, durante a qual visitaram os índios Jívaros, famosos caçadores de cabeças.

O grupo deslocou-se a bordo de duas embarcações de 15 por 2 metros. Partindo do Amazonas, os escoteiros subiram depois os rios Maranhão, Pastaza e Huallage. Um dos objectivos da expedição era a recolha de informações destinadas a um livro que os chefes do grupo vão escrever acerca da vida nas regiões sertanejas, destinado à Protecção Civil Nacional.

Os Jívaros acolheram amigavelmente os escoteiros e ensinaram estes a caçar, pescar, construir abrigos e orientar-se e a viver na selva.

O grupo de escoteiros estava em contacto pela rádio com Iquitos e assim numerosos radioamadores da América Latina seguiram quotidianamente o relato das aventuras deste punhado de rapazes.

«Newsletter Bulletin»



ESTADOS UNIDOS

As regiões selvagens estão atraindo, cada vez mais, os aventureiros. Porém, muitos deles perdem-se na selva. Por isso, no noroeste dos EUA vários grupos de escoteiros e de caminheiros estão a especializar-se na procura e salvamento de turistas que estão perdidos.

Nesta actividade, o grupo mais antigo tem a sua sede em Seatle, no estado de Washington. Foi fundado em 1955 e conta actualmente 250 membros. Para fazer parte deste grupo de socorro, os candidatos têm de submeter-se a três cursos de treino: conhecimento da floresta e marcha por meio de bússola, 48 horas numa prova em terreno, durante o tempo húmido e frio, assim como participar numa prova de operação simulada de procura e socorro.

Em geral, 60 % dos candidatos não concluem as provas, pelo que são recusados.

O grupo possui equipas encarregadas de comunicações pela rádio, informações e estatísticas. Durante o último ano, as equipas, de que fazem parte 10 raparigas, foram chamadas 240 vezes, o que representa um total de 8576 horas de trabalho activo e 35 824 de treino.

HOLANDA

Os escoteiros e as guias vindos de todas as regiões da Holanda reuniram-se no dia 5 de Abril no Parque Nacional de Veluwezoom, com o fim de plantar aí uma «floresta escotista». Foram colocadas mais de 3000 árvores durante o dia. Uma placa aponta esta realização aos visitantes, a qual teve o apoio da Sociedade Nacional para a protecção aos Monumentos e Lugares Históricos.

O OPTIMISMO E O PESSIMISMO

Com a devida vénia, transcrevemos da útil revista «ESTUDOS» este interessante artigo, que reputamos merecedor da ponderação de todos, mas especialmente da juventude.

A dualidade da nossa natureza humana, cria relações inelutáveis entre o nosso corpo e a nossa alma. O nosso equilíbrio mental depende em grande parte do bom funcionamento dos nossos órgãos; da mesma maneira, as perturbações do nosso espírito poderão ter uma influência nociva sobre o nosso estado fisiológico.

Os antigos diziam *«mens sana in corpore sano»* e a ciência moderna confirma o velho adágio; os progressos da medicina e a psicologia experimental têm-no confirmado.

A saúde favorece o optimismo. Para o adquirir ou conservar, é indispensável manter o corpo em boa saúde. Há pois necessidade de praticar uma boa higiene física.

A nossa «mentalidade» (e nesta designação compreendemos a nossa sensibilidade, a nossa emotividade, a flexibilidade do nosso espírito, a nossa actividade moral) sofre a influência dos nossos nervos bem como a do funcionamento de certos órgãos e de certas glândulas. Se existir falta de vitalidade do sistema nervoso, com depressão, esta situação reflecte-se sobre o carácter da pessoa, que passa a ser triste, abatida, desencorajada, repugnando-lhe o menor esforço; deixa correr as horas, com uma atonia, com um atroz sentimento de incapacidade e de desgosto. Tudo parece desagradável e acentua-se a severidade da apreciação e julgamento dos actos dos outros e às vezes dos nossos próprios actos.

A pessoa sente-se atacada de uma crise de insociabilidade, com os nervos superexcitados, deixando-se levar subitamente pelos impulsos mais imprevistos ou, pelo contrário, entusiasma-se, deixa-se embalar por um objecto, por um projecto, por uma pessoa, mas tudo isto é pouco durável — cai depressa. Sente antipatias e simpatias extremas, que também se transformam ao mais ligeiro sentimento de incompreensão ou de desilusão.

Conforme o fígado segrega mais ou menos bílis, assim nos tornaremos mais irritáveis, normais, gentis e mais ou menos activos nas relações económicas ou sociais. Se o estômago e os intestinos funcionam mal, sentirá inadaptação para o trabalho e para aturar os outros, mas se não sentir como eles funcionam, se digerir tudo muito bem, mesmo as refeições abundantes, sentir-se-á optimista nato. As glândulas emocionais, cuja acção vai sendo a pouco e pouco mais bem conhecida, actuam sobre o estado mental; uma deficiência da glândula tiroideia, traduz-se por um atraso da actividade individual; é necessário um esforço para começar a trabalhar e fatigar-se-á depressa. O mau funcionamento das glândulas supra-renais, diminui a intensidade do esforço; a concentração e a atenção são mais difíceis e a energia diminui. As perturbações da glândula hipófise, retardam o desenvolvimento físico e intelectual.

Por outro lado, o moral reage sobre o organismo. Já vimos como as emoções modificam a circulação sanguínea; quando se conseguir a acalmia, restabelece-se o ritmo normal da circulação.

1.ª — *Cultura física*

É indispensável praticá-la; contribuirá assim para evitar as doenças que, de contrário, está apto a receber.

Salte do leito; mergulhe a cara e parte da cabeça em água fria, ou tome um duche frio (menos aconselhável depois dos 50 anos); quando tomar banho ou duche, friccione todo o corpo, o que representa uma secagem e uma massagem. Sempre que possa, faça um passeio de uma hora por dia; depois dos 50 anos, marchar mais lentamente. Procure andar a pé, contrariando tanto quanto possível o andar de automóvel, sobretudo em marcha plana ou a descer; marchar a passo regular.

Aproveite os dias de repouso para fazer qualquer desporto, pelo menos andar a pé; no Verão, é útil nadar ou remar. Não é necessário mostrar aos outros que é um desportivo, mas é necessário pensar que pratica o desporto por necessidade higiénica.

2.ª — *Regime alimentar*

Deve alimentar-se com poucas carnes, a uma só refeição, principalmente ao almoço; ultimamente, em virtude dos conselhos higiénicos dos médicos, tem diminuído a alimentação carnívora, que antigamente era demasiadamente abundante; 150 a 200 g de carne constituem uma ração quotidiana suficiente.

Habitue-se a comer legumes verdes, frutos crus e bem maduros; leite; os cereais, que são alimentos fortificantes, devem constituir a parte principal do jantar e do pequeno almoço.

Usar o vinho em pequenas quantidades. Alguns deprimidos recorrem às bebidas alcoólicas para estimular a sua apatia e expulsar a tristeza. Os filmes e os romances americanos têm sido um forte elemento de propaganda e na nossa vida de sociedade já é elegante beber *whiskeys, gins, cognacs,* etc., e mesmo beber demasiado; os rapazes e raparigas julgam ser chique uma embriaguez ligeira.

Isto é um erro! O álcool estimula como uma chicotada e só provoca uma excitação passageira; ou provoca uma alegria, com expressões pouco claras, é um sinal que se abusou da bebida; ora o abuso das bebidas alcoólicas agrava finalmente o estado dos que se servem delas para *aliviar* as suas preocupações ou, enganosamente, para *aclarar as ideias...*

É indispensável consumir vitaminas: para isso faça uso das saladas e frutas cruas; as folhas verdes são ricas em vitaminas; as partes brancas, mais pobres. Preferir as frutas cruas às de conserva ou às cozidas, pois a fervura desvitaminaliza-as. A carência vitamínica pode ser suprimida, em parte, por medicamentos, que devem ser indicados pelo seu médico.

Os gérmens de cereais são ricos também em vitaminas; contêm, além disso, corpos gordos e fosfatos assimiláveis.

3.ª — *Vigilância sobre os intestinos*

Não basta comer e digerir, é também necessário eliminar os dejectos da alimentação; a prisão de ventre é um mal que é necessário corrigir. Os dejectos que não são expulsos intoxicam lentamente, mas inevitavelmente, o organismo; os efeitos desta intoxicação podem ser retardados, mas a sua nocividade é a mesma.

Durante a infância e até tarde, em geral não nos preocupamos com estas contingências, mas mais tarde essa falta de cuidado paga-se sempre. Os venenos acumulam-se no organismo e vão-no minando lentamente; depois dos 40 anos, e às vezes mais cedo, começam a aparecer estados de mal-estar, que se acentuam depressa se não se tomarem a tempo as medidas necessárias.

As evacuações incompletas são a causa de muitas doenças: vertigem, gota, reumatismos, obesidade, etc.... Uma pessoa com prisão de ventre, não consegue ser optimista...

Evite estes males tendo um regime alimentar conveniente e uma ginástica racional. Mantenha o intestino livre, para manter por muito tempo, a juventude possível, boa saúde e bom humor. Diz-se: «tem-se a idade das suas artérias» e também se pode afirmar: «tem-se a idade do seu intestino...».

4.ª — *Exercícios respiratórios*

Regularizam o ritmo do coração e o movimento da circulação sanguínea; por isso exercem um efeito calmante sobre as emoções, que aceleram ou retardam as pulsações do coração; além disso, oxigenam mais largamente os pulmões, purificando e enriquecendo o sangue.

Basta fazer exercícios de respiração, expirando profundamente até eliminar o ar; que se deve prolongar de 6 a 10 segundos; para a tornar mais perfeita, podemos flectir o corpo, fazendo acentuar o tórax, as costas e o abdómen; a aspiração deve durar o mesmo tempo, levando o tórax e o abdómen até à posição normal. Se estes exercícios forem feitos de uma forma rítmica, darão um grande proveito.

Estes exercícios restabelecem o equilíbrio físico e facilitam a atenção e a memória. É muito útil repetir este exercício várias vezes por dia, durante cerca de cinco minutos.

5.ª — *Consultar o médico*

Deve consultar-se o médico, sempre que se verifique qualquer coisa de anormal na saúde; certos sintomas a que se não liga importância, podem ser os pródromos de uma doença séria; não se deve esperar que a doença se agrave para a tratar.

Quando se deseja obter um optimismo perfeito, é sinal de que o não tem ainda, que o seu equilíbrio moral não está inteiramente estável; ele só se conseguirá, se se praticarem as regras que desenvolvemos neste artigo.

O homem não deve envergonhar-se de confessar os seus erros, porque, fazendo essa confissão, demonstra unicamente que sabe mais hoje do que sabia ontem.

POPE

Alteradas as fórmulas do Compromisso de Honra e da Lei do Escoteiro?

Os Escoteiros de Portugal repensam os princípios

Os Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal publicaram, com data de 15 de Setembro passado, uma nota informativa, que, embora sem assinatura, parece talvez reflectir o pensamento da respectiva Direcção. Trata-se de um estudo muito válido acerca de alterações propostas a normas estatutárias e regulamentares que, segundo se informa no mesmo documento, têm suscitado concordâncias e discordâncias.

Ao assunto nos referimos no número de Junho deste mensário e lamentamos que a extensão do documento agora distribuído nos não permitia a sua imediata publicação, dada a tirania da falta de espaço. Esperamos no entanto que será possível inserir alguns dos capítulos de maior interesse em próximas edições.

A abrir, esclarece-se que a Conferência de Dirigentes, reunida em 18 de Maio de 1974, incumbiu a Direcção de designar uma Comissão para fazer o «estudo preliminar» com vista «a uma urgente remodelação dos Estatutos» e acrescenta-se: «(só os Estatutos, e não também o Regulamento Geral (Cf. B. O. 2/74) como se diz na página 7 do «Sempre Pronto» de Junho de 1975)».

De facto, a Conferência de Dirigentes recomendou a remodelação dos Estatutos, mas como não se pode conceber esta remodelação sem a consequente remodelação das normas regulamentares, poderemos concluir que a Conferência de Dirigentes pensava, para além da letra específica, numa profunda remodelação das leis associativas. Não nos lembramos de que se tenha falado numa Comissão, mas a nomeação de comissões é sempre a forma mais fácil de eternizar a solução dos problemas.

Diz-se no Documento em apreço que «até 1956 estava estabelecido na AEP a faculdade da Promessa ou Compromisso envolver a referência a um credo religioso; desde então, e sem que os Estatutos, documento fundamental, fossem alterados, o Regulamento eliminou essa liberdade, tornando obrigatória a fórmula «Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria». Há um equívoco nesta afirmação. O Regulamento publicado em 1956, apenas alterou a fórmula do segundo artigo do Compromisso, aprovada na Conferência de Dirigentes anterior, que dizia: *Proceder sempre como homem consciente dos seus deveres* e passou a dizer, e muito bem, *Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias.* A fórmula do Compromisso em discussão foi estabelecida muitos anos atrás, numa Conferência de Dirigentes que se realizou antes de 1938, em data que não podemos precisar, mas que a Direcção da AEP poderá determinar nas actas e outra documentação existente no seu Arquivo. Igual possibilidade têm os mais antigos Grupos de Escoteiros. Convém ainda esclarecer que o compromisso de «Amar a Deus» não é propriamente um credo religioso no sentido parcial, mas uma afirmação de fé em Deus, princípio universal, neste sentido também «credo», aceite pelo homem religioso de todas as correntes do pensamento e até mesmo sem qualquer compromisso com uma igreja ou movimento religioso. Por isso, é compromisso aceite por todos os escoteiros cristãos, islamitas, israelitas, budistas, espiritistas, confucionistas e outros, dentro da universalidade do Escotismo, de harmonia com a sua neutralidade religiosa.

Devemos, no entanto, afirmar que estamos inteiramente de acordo com a afirmação transcrita na página 5 do Documento em referência, quando se diz: *... a referência a Deus é indispensável ao crente se deseja que o Escotismo se ligue ao mais importante aspecto da sua vida: a Fé.* E junta: *para o não crente seria hipocrisia e falta de respeito para com Deus; por isto e pela obediência à Verdade, é necessário permitir a escolha entre a referência a Deus ou não a Deus.* Muito correcta esta conclusão. Mas há diferentes maneiras de colocar essa opção. Poder-se-á estabelecer um princípio básico, de conformidade com os princípios do Escotismo Mundial, e oferecer a opção laica, ou estabelecer paralelamente as duas fórmulas do Compromisso. De qualquer forma, entrando-se a discutir este assunto, ilude-se o fundo do problema, a impugnação feita por «S. P.»: a falta de competência da Direcção-Central para alterar os princípios fundamentais da AEP e, até do Escotismo Mundial. A dar esses poderes à Direcção, teríamos de admitir que sempre que seja eleito um novo Presidente, e isso pode e deve ser feito de dois em dois anos, veríamos modificadas, alteradas, revogadas, as normas regulamentares e educativas do Movimento.

De resto, os obstáculos levantados à fórmula «Amar a Deus» são igualmente aplicáveis a «Amar a Pátria». Vamos abandonar este princípio porque hoje muita gente rejeita a ideia de Pátria. O Escotismo é um Movimento educativo, de âmbito universal, erguido sobre um Ideal que não é aceite pela generalidade das pessoas. Por isso, o Movimento é hoje activamente combatido por muita gente. Mas o Escotismo só terá validade se mantiver a força, que reside exactamente na alta validade dos seus princípios e objectivos. Para outros, para aqueles que não

Continua página 11

Normas de funcionamento de reuniões

Com a devida vénia, continuamos a transcrever do «Boletim Cooperativista» normas de funcionamento de reuniões e assembleias, porque nos parecem de muito interesse, com vista a facilitar os trabalhos da próxima Conferência de Dirigentes da Associação dos Escoteiros de Portugal.

DOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Para dar uma base concreta à discussão, para que as suas conclusões se vão definindo e, finalmente, para que as resoluções sejam estabelecidas, está consagrada a utilização de vários documentos ou meios de discussão que surgem na sequência dos trabalhos. São eles:

A. As propostas

As *propostas*, segundo o fim que visam, classificam-se em:

— *Proposta projecto* ou *de proposição:* — aquela que estabelece e propõe inicialmente a matéria em discussão.

— *Aditamento:* — as que conservam integralmente o texto em discussão, acrescentando-lhe matéria nova, quer esta amplie, restrinja ou explicite a proposição inicial.

— *Eliminação:* — as que visam suprimir, total ou parcialmente, o texto em discussão.

— *Emenda:* — as que, conservando parte do texto da proposição que se discute, restringem, ampliam ou modificam a matéria principal.

— *Substituição:* — as que visam suprimir o texto da proposição em discussão, mas indicando outro em seu lugar.

A *proposta* funciona pois como um primitivo instrumento de trabalho.

A *proposta*, qualquer espécie dela, é redigida em nome do proponente e é antecedida de considerandos em que o apresentante vai expondo e desenvolvendo as razões e motivos justificativos da apresentação e explicando os fins que visa.

Apresentada uma proposta, far-se-á uma *votação de admissão*, isto é, a Assembleia decidirá se a proposta é de ter em conta, e por isso se deverá passar à sua discussão e esclarecimento (para o que se fará uma inscrição para oradores), ou se, pelo contrário, por estar contra o espírito da assembleia, por o assunto nela tratado estar nessa altura fora da discussão ou por outro qualquer motivo.

É claro que uma proposta pode ser admitida para discussão e ser depois de discutida, rejeitada (resultando isto exactamente daquele esclarecimento acima referido).

Uma vez concluída a discussão, a votação das propostas faz-se começando, primeiro, pelas propostas de eliminação; depois, votam-se as de emendas, segundo a ordem de prioridade de admissão; em seguida, as de substituição; depois, a proposta projecto inicial na parte não prejudicada pelas votações anteriores e, finalmente, os aditamentos que também não tenham sido prejudicados pela votação sobre a matéria que tenham sido oferecidos, e, dentro de cada uma dessas espécies, votam-se as respectivas propostas pela ordem por que foram recebidas na mesa.

(Continua)

OS PAIS E OS FILHOS — HOJE

Alguns problemas e pistas de solução

I — Introdução:

1. O educador deve *interrogar-se* frequentemente sobre a Verdade e o realismo da sua acção educativa, a principiar pela verdade do testemunho de Vida unificada.

2. Deve exercer a *autoridade* dum modo claro e humilde (autoridade deriva de «augere» = fazer crescer), para que se consiga correcto desabrochar da personalidade de cada educando. Cada um deles é um mundo de potencialidade a diferenciar, o que exige atenção adequada e permanente. E *educa-se* («ex-ducere» — conduzir a partir de), fazendo eclodir as virtualidades positivas do indivíduo, tornando-o o mais rico, livre e integrado possível.

3. Desempenhe o seu múnus numa atitude de *esperança* e *realismo;* não desista pelo facto dos frutos não aparecerem a curto prazo; deve tomar consciência de que se trata de um ser em devir; nem use para todos e sempre os mesmos esquemas, porque deve contar com a individualidade de cada um.

4. Auxilie a descobrir o *valor da liberdade* e correspondente responsabilidade, assim como os critérios que favorecem uma Vida autenticamente humana e aquilo que a estraga, a nível de inteligência, vontade ou da acção.

5. Tomando consciência das suas virtualidades pessoais, deve saber que só se realiza colaborando, sendo *solidário*. Respeita os outros e oferece o contributo pessoal em busca da Verdade, Justiça e Paz.

6. Os Pais cristãos devem tomar nítida consciência de que continuam a criação:

a. São os responsáveis pela educação humana e cristã dos filhos. Devem gerar responsavelmente; portanto, na medida em que podem educar, tanto quanto é possível prever, em generosa atitude de Fé;

b. Nunca esquecam de que devem testemunhar pela força do Amor simples, forte e corajoso, sem discutir, recriminar, ou fazer mútuos comentários depreciativos;

c. Como colaboradores de Deus e correspondente desabrochar humano e espiritual, dispõem duma força, duma graça educativa própria para perceber, intuir o íntimo dos filhos e conseguir solução adequada. Para isso, estejam simultaneamente atentos à presença de Deus e dos filhos, numa busca perseverante do melhor relativo ao aqui e agora em que vivemos. Mas tudo em atitude de confiança filial a caminho do futuro;

d. Há um outro elemento importante que marca profundamente os educandos e a que se deve prestar atenção: o meio humano em que decorre a vida deles. Todavia, não devem nem podem retirá-los do mundo. Pelo que é preciso dar-lhes um sadio sentido crítico e válido critério de valores, a fim de fazerem as suas opções sociais e políticas com perspectivas evangélicas. Num mundo em constante mutação, que tomem consciência de que há valores que perduram, enquanto outros passam.

e. No domínio religioso, o mundo ocidental passa por grave crise. Há sinais profundos nos costumes e na cultura, da presença cristã. Mas os cristãos, como membros duma sociedade efervescente e contestatária, em busca de novas formas, religiosamente também sofrem desta insegurança que contagia tudo. Ora os jovens precisam de testemunho coerente entre credo e vida de unidade, amor e religião esclarecida.

II — Algumas dificuldades nas relações pais-filhos

1. *Comuns:*

a. Começa por haver um problema de *linguagem*. Há modos de expressão característicos, que dificilmente são apreendidos por gerações diferentes. Ou até podem usar a mesma terminologia mas com significados diversos, dadas as cargas afectivas que a acompanham;

b. Por vezes não há distinção prática entre o que é *dogmático,* o que pertence ao domínio das certezas e o que não passa de *opinião;* não se distinque claramente o primário do secundário. Exige-se «adesão» a realidades que a não necessitam;

c. Desencontros possíveis: dada a complexidade do mundo de hoje, em que o jovem cresce e se forma, os problemas de sempre podem tornar-se mais agudos e que podem ser ocasião ou causa de sérias *frustrações:*

1. Os adultos, definidos e estáticos, não se adaptam facilmente aos ritmos do devir permanente do jovem;

2. Os adultos têm certezas e hábitos, enquanto os jovens vivem por impulsos e com dúvidas e perguntas sobre quase tudo. Daí podem surgir desajustes, desencontros;

3. Ou então pretender fazer do jovem, um adulto à força, não respeitando os seus ritmos;

4. Ou mantê-lo no infantilismo, por comodidade ou falta de atenção, não se adaptando aos comportamentos diferenciados que vão surgindo;

5. Perigo de solidão devido ao espaço acanhado das casas, onde tudo se amontoa e não lhe permite criar o seu mundo e individualizar-se;

6. Progressivo desaparecimento dos ritos familiares: refeições comuns, festas de família e diálogo familiar integrador.

Se não está atento, resulta disto uma atitude de *diálogo de surdos* que em vez de convergência, resulta uma oposição mais ou menos acentuada.

2. *Radicadas nos Pais:*

a. *Autoritarismo* como expressão de orgulho. Exige-se a obediência sem esclarecimento mas por imposição. É a caricatura de autêntica autoridade. Torna-se irregular, intermitente, caprichosa e esmagadora;

b. *Dificuldade em aceitar,* reconhecer e promover o crescimento e *originalidade dos filhos,* nos vários sectores da expressão humana; incompreensão pelo que não é segundo a imagem projectada acerca dos filhos e respectivo comportamento.

c. *Inadaptação à actualidade cultural,* social e psicológica, em que os filhos se desenvolvem. Isto devido à rapidez dos

Continua na pág. 12

Dizer bem para pensar melhor

O sufixo «Izar»

Convém saber que o sufixo «izar» se escreve sempre com «z». Como sabemos, um sufixo é o afixo, complemento, de que se faz seguir uma palavra para lhe dar novo sentido. Por exemplo: real faz realizar; actual faz actualizar; central faz centralizar; etc.

Portanto, quando se escreve que a Patrulha vai promover uma actividade, diz-se que vai REALIZAR ou que vai ORGANIZAR, não escrevendo estas palavras com «S», como algumas vezes acontece.

Devemos, no entanto, não confundir o sufixo «izar» com a terminação de certos verbos que terminam em «ar». Assim, quando escrevemos que a Patrulha vai deixar de ter actividade, que vai entrar em paralisia, substantivo que se escreve com «S», o verbo mantém o «S» e escreve-se PARALISAR. O mesmo acontece com análise, que dá analisar; aviso, que dá avisar; preciso, que dá precisar; friso, que dá frisar, e outros.

«Emirado»

A língua francesa, com muitas semelhanças com a nossa, dado que também é latina, influencia, tantas vezes perniciosamente, a nossa maneira de falar.

Há que defender a língua de Camões dos contágios que a possam adulterar ou fazer perder a sua personalidade.

Vê-se hoje na imprensa, consecutivamente, o emprego de um palavrão que não existe em português: MASSIVO. Ora, este galicismo (nome por que são conhecidos os estrangeirismos de origem francesa) é proveniente do francês «MASSIF», adjectivo cuja forma feminina é «MASSIVE», os quais correspondem respectivamente aos portugueses MACIÇO e MACIÇA. Recebemos estes vocábulos do castelhano «MACIZO» que nada tem a ver com o francês.

Outra má influência: dizem os jornais «os emiratos árabes do Golfo Pérsico». Porém «emirato» é má tradução do francês «émirat». Nós, portugueses, não devemos dizer «emirato», mas, sim, EMIRADO, tal como dizemos DUCADO, PRINCIPADO, MARQUESADO, CONDADO, BISPADO, ESTADO, REINADO, etc., etc., etc.

Está bem compreendido?

António de Jesus Brito

Por ocasião das festas do fim do ano, tivemos o prazer de abraçar o nosso dedicado correspondente em Olhão e dirigente do Grupo n.º 6 dos Escoteiros de Portugal, que teve a amabilidade de nos visitar para apresentar os seus cumprimentos de Boas Festas.

Agradecemos a visita e saudamos por intermédio do Chefe Brito todos os escoteiros de Olhão.

Alteradas as fórmulas do Compromisso de Honra e da Lei do Escoteiro?

Os Escoteiros de Portugal repensam os princípios

Continuação da pág. 9

aceitem o Escotismo tal qual como ele é, existem outros movimentos que copiam as suas aparências externas, mas recusam os ideais.

«LÍDER»

O que se diz acerca da designação de «Líder» enferma do mesmo defeito. Não se discute o significado de *Líder*. O que se afirma é que se trata de um vocábulo estranho, que não pertence ao nosso léxico, e que, portanto, não deve ser adoptado sobretudo por uma associação educativa. Porque *leader*, segundo qualquer dicionário inglês, quer dizer «pessoa seguida por outros, chefe de partido, guia, chefe». Trata-se de uma palavra desnecessária na nossa língua. Muito boa gente diz *líder* em vez de *chefe, dirigente*, como outros teimam em dizer *hall* em vez de *vestíbulo;* para não referir outros termos.

A LEI DO ESCOTEIRO

O que dissemos anteriormente tem inteira validade para a alteração da Lei. É assunto que deve ser submetido à Conferência de Dirigentes. Por nossa parte, não vemos vantagem em modificar um enunciado de regras que se apresente com ideias simples, definidas, bem identificadas. O Decálogo é forma universal de enunciar princípios. É uma tradição que vem desde a Lei de Moisés. Reduzir a Lei a 5 artigos, mas despejar logo no primeiro um enunciado confuso onde podemos separar pelo menos três ideias distintas, não tem qualquer vantagem. Vejamos: propõe-se para o 1.º artigo — «O escoteiro é verdadeiro, leal, cortês e puro no pensamento, nas palavras e nas acções». Encontramos aqui pelo menos três princípios distintos, que numa lei bem estruturada devem constituir três artigos:

O Escoteiro é verdadeiro (1); é cortês e leal (2); é puro no pensamento, nas palavras e nas acções (3). Juntámos «cortês e leal» numa só alínea porque há uma identidade de sentimentos entre as duas virtudes.

Se o espaço nos permitisse mais demorada análise, depressa chegaríamos à conclusão de que o Decálogo seria a melhor ordenação para todos os princípios que se desejam amontoar em apenas cinco.

Não nos parece válido invocar, para justificar as inovações pretendidas, o exemplo do que tem sido feito lá fora. É um fatalismo nosso ir sempre buscar exemplos do que de mau se faz lá fora para justificar os erros que aqui se querem praticar. As alterações ultimamente praticadas no Escotismo Inglês não convenceram os próprios ingleses e revelam um certo desvio do movimento para dar satisfação aos desequilíbrios da juventude. Por nossa parte, não estamos de acordo. O Escotismo terá de manter os seus elevados princípios básicos, os ideais de B.-P. que lhe deram âmbito universal, ou não terá mais razão de existir. Nós próprios, nos contactos que ultimamente temos tido com certos sectores do escotismo britânico, temos ficado chocados com a cedência feita para manter os efectivos. Nós, em Portugal, que temos um Movimento de quadros tão reduzidos, temos de afirmar o Escotismo pelos seus ideais, princípios e objectivos, sobretudo pela qualidade.

O Documento que estamos a criticar é uma contribuição importante para o estudo destes problemas. Não recusamos o nosso agradecimento pelo esforço feito, muito útil, que merece ser devidamente considerado por todos aqueles que se interessam pelo Escotismo e, sobretudo, por aqueles que na Conferência de Dirigentes deverão apreciar e votar a matéria em discussão. É imperioso prosseguir neste estudo e gostaríamos mesmo de arquivar aqui outros pareceres, para que a Conferência de Dirigentes possa vir a expressar uma opção esclarecida.

A flor

Despontou o botão! Cresceu, entreabriu, corou, desapertou-se, desdobrou-se de todo: eis a flor! As cores, o cheiro, as formas encantadoras desta efémera maravilha apelidada flor, namoram até os espíritos mais rústicos ou menos reflexivos.

O camponês se detem para a considerar; o menino, que ainda não fala, a pede por acenos; a formosa a cobiça para se alindar; mil insectos e vermes folgam de se ir embalar nela aos zéfiros; a ave a espreita do seu ninho; a abelha que lhe vai pedir o mel; os olhos do velho, uma saudade; o pintor se apressa de a retratar; a floreira de a esculpir; o destilador, de lhe recolher o espírito em cristais; o sábio, de a descrever e estudá-la, enquanto o poeta lhe deve e lhe consagra um canto íntimo.

CASTILHO

As minhas mãos

Recitativo

Minhas mãos são tão amigas!
Quando a direita arrefece
Logo a esquerda, pressurosa,
a esfrega, aperta e aquece.

Mas não fica atrás a outra:
Se a esquerda se magoar
Chega a vez de, boa irmã,
com diligência a tratar.

Quando em pequeno eu jogava
Ao «berlindre» ou ao peão,
A cada irmã, sem desdouro
Dava diferente função.

Se um grande esforço é preciso
E uma só não é capaz,
Logo a outra a auxilia,
E então a obra se faz.

Nobre, digna e bem modesta,
A direita não traz nada,
E a companheira, a «canhota»,
Traz anéis, anda enluvada...

Mas não há zangas por isso,
Pois se a esquerda se realça,
É a sua mão direita
Quem a enfeita, quem a calça!

Sendo ambas «responsáveis»
De não saber-se a lição,
Eram irmãs no sofrer
Em tempos que já lá vão.

(Só recordo em duas vezes
Ter provado a palmatória,
Nesses tempos ominosos
Da «escola persuasória»).

Quando em qualquer casamento
Qual delas é mais fiel?
Toma uma a mão da noiva
E a outra mete o anel.

Se às vezes me entusiasmo
Em assembleias de arte,
Batendo uma na outra
Ambas assim tomam parte.

Em momentos mais solenes,
Quando vou a Deus louvar,
Ambas, instintivamente,
Logo se querem juntar.

(Há quem ande a partir montras
Em tarefas muito ingratas?
Quem tal faz não terá mãos:
Serão bípedes com patas!)

*

Na saudação escoteira
Ambas têm sua função:
Lembra a dextra o compromisso,
Faz a esquerda a saudação.

Ao fazer a saudação
(Inda que seja uma só!)
Ambas serão necessárias
Para desatar o nó.

Quem dera que todos nós
Vivêssemos como as mãos:
Gozando, orando, operando
Como amigos, como irmãos!

Eduardo Moreira

OS PAIS E OS FILHOS — HOJE

Continuação da pág. 10

ritmos da evolução do mundo, especialmente nos domínios da técnica (transportes, meios de comunicação áudio-visuais, especialmente televisão, rádio, disco e jornal). Há a sensação de que o tempo se escoa a uma velocidade estonteante, dada a variabilidade e intensidade das situações. E é nesse clima que os filhos se sensibilizam e se definem. Houve ampliação da escolaridade: começam mais cedo e terminam mais tarde. Aos 3 ou 4 anos, principia o jardim-escola o que leva a mais longas separações e a novos «desencontros» e tensões;

d. *Falta de tempo* para encontros calmos, longos e profundos, entre Pais e Filhos. A vida profissional e social absorve muito, demasiado tempo, os lares transformam-se em pensões ou, às vezes, em dormitórios. Perigo do «matriarcado» que não permite a superação do complexo edipiano e se traduzirá em revolta, especialmente na crise da puberdade.

3. *Radicadas nos filhos:*

a. *Imaturidade não consciente,* irrealismo e intolerância para com os mais velhos e, concretamente, em relação aos Pais. Vontade de viverem por si com os seus critérios e em plena aventura;

b. *Desilusão,* relativamente à imagem inicial que fizeram dos Pais como seres perfeitos e até revolta e vontade de autonomia insensata, especialmente se teve carências afectivas. Em vez da saudável identificação, surge a recusa, a contestação por falta de resposta ao que esperava dos Pais: amparo, amor e compreensão;

c. *Repulsa* pela exemplificação de «no meu tempo», visto não ser o seu tempo e dar a sensação de travagem ou recriminação. Aceitam que se proponha mas que não se imponha arbitrariamente; de contrário podem ser traumatizados;

d. *A consciência colectiva* dos jovens leva-os a jogar à defesa contra os que não são do seu grupo. Este fornece e substitui as «seguranças» recusadas no ambiente familiar ou social. Estabelece com ele um novo tipo de diálogo e aí busca um ideal de herói de que necessita, mas rejeita no meio donde vem: surge a ética de «seguir» o grupo e seus critérios.

4. *Devido à desconexão,* dicotomia entre os agentes educadores. Há que estabelecer contactos com continuidade entre família, escola e catequese, para se aferirem critérios e conseguir personalidade unificada. É fundamental o respeito mútuo e a colaboração diferenciada mas unificadora.

5. *A disciplina impessoal,* na escola, não favorece a *socialização.* Se o ensino não é novidade, pode provocar enjoo. A mudança de professores pode baralhar a criança, devido aos métodos e relação afectiva. Daí pode resultar uma atitude de revolta, de agressividade ou «ausência» intencional.

III — Problemas devidos ao meio ambiente:

1. Todos somos marcados pelo meio físico, psicológico e moral. Difere o quem e o modo de dependência; todavia, o homem é ele e a sua circunstância. Esta é elemento preponderante de individuação e caracterizador da personalidade.

2. A sociedade e as comunidades naturais e religiosas de hoje, parecem perder estabilidade; cada vez oferecem menos certezas.

3. Insiste-se no prático e no eficaz; as realidades humanas e transcendentes, são encaradas superficialmente.

4. É grande o prestígio da técnica e do desenvolvimento económico. Porque não se promove paralela e adequadamente a maturidade humana correspondente, ocasiona influências negativas, tais como:

a. *Passividade* devido à saturação de estimulantes que criam saciedade, enjoo;

b. *Confusão* acerca da escala de valores, pelo facto de não haver nem tempo de assimilação, nem critérios claros, na profusão de «novidades» que são oferecidas pelos meios de comunicação social;

c. *Facilidade* com que se fazem as transacções. Basta ter dinheiro. Tudo se vende ou compra;

d. *Adormecem* ou não despertam suficientemente as capacidades inventivas e criadoras, visto que tudo é «oferecido». Não participam na «transformação» das coisas, perdeu-se o contacto com a natureza e com a beleza e novidade, ainda que árdua, da Vida;

e. *Relativismo ético:* sentem-se perdidos no meio de tantas facilidades e solicitações desconexas.

5. Isto tudo, facilita o *desenraizamento,* de consequências graves, enquanto gera:

a. *Angústia,* insegurança, a dúvida sobre as suas possibilidades e o medo face ao futuro que tem diante de si;

b. *Decepção,* incredulidade face às ideologias libertadoras que lhe são apresentadas como vias de solução;

c. *Cepticismo* sobre o sentido da Vida;

d. *Tentação* forte de se entregar ao hedonismo imediato, ao agradável, cómodo e eficaz;

e. Pelo que, *entrega-se* ao grupo dos «idênticos». Nele encontra apoio, compreensão, para suprir as «seguranças» oferecidas pelo mundo adulto e de que tenta libertar-se pela recusa, pela revolta, numa busca de autonomia por processos, por vezes, pouco sensatos.

f. Nesta vida de grupo, desenvolve-se e acentuam-se hoje, algumas tendências que brotam do impulso vital:

1. Entusiasmo pela *politização,* e socializante primado do colectivo; exigência de eficácia; aceita as leis, opções de grupo — revolução, anarquia, etc.;

2. Novo estilo de vida e de moral:

Frenesi, velocidade, ritmos violentos e agressividade; busca de prazer e felicidade imediata — sexo e droga; busca de certo misticismo e paz — movimento dos «hyppies», etc.

IV — Brevemente indicamos caminhos, alguns elementos de referência para a maturidade, sempre a rever, em busca da síntese pessoal:

1. *Maturidade intelectual:* capacidade de reflexão com continuidade e persistência na busca e possibilidade de síntese valorativa das realidades da vida. Ser capaz de mudar de opinião, não emotivamente, mas por argumentos *objectivos;* sentido comum eficaz nas decisões a tomar constantemente e disposto a revisão, se parecer conveniente.

2. *Maturidade afectiva:* autodomínio dos próprios impulsos; relações equilibradas com os outros; equilíbrio sexual, consciente e responsável.

3. *Maturidade social:* atitude de diálogo e objectividade e isso supõe: capa-

Continua na pág. 13



NORDJAMB

Desde Gödöllö — 1933 —, nenhum Jambori deixou de ser comemorado com selos postais e outras peças filatélicas. O de Idaho terá mesmo batido o recorde de emissões de selos.

Para conhecimento e possível orientação dos leitores de S. P., eis as peças filatélicas que, até esta data, consegui detectar sobre o NORDJAMB.

— carimbo sobre postal ilustrado do NORDJAMB-75;

— inteiro postal da Noruega, com a curiosidade do selo do mesmo apresentar 5 escoteiros com outros tantos semáforos compondo a palavra NORGE.

— Mali — 3 selos de C. A.

— Grenada — 1 bloco e 7 selos.

— Novas Hébridas — 8 selos (4 com legenda em inglês e 4 em francês).

— Gabão — 2 valores.

— Maldivas — 1 bloco e 3 selos — sobrecarga em outras tantas peças emitidas quando da realização da 1.ª Conferência Mundial em África.

Anunciados como tal, ponho reservas aos 2 selos emitidos pela Noruega, reservas porquanto, sendo neste país que o NORDJAMB teve lugar, não faz sentido selos ostentando as insígnias escotistas e guidista, sem qualquer legenda. A verdade é que os selos estavam à venda no Jambori, uma vez que o primeiro postal a que faço referência vem estampilhado exactamente com os ditos 2 selos.

Sobre o assunto, quaisquer informações complementares serão de grande utilidade.

Não deixa também de constituir uma incógnita o facto dos demais países nórdicos, alguns tão férteis em marcas postais escotistas, não hajam emitido qualquer selo sobre o acontecimento.

★

O signatário está interessado na aquisição de quaisquer peças filatélicas sobre o NORDJAMB, pelo que agradece todos os contactos.

J. M. Mendes Marques — Seia

★

O governo da Venezuela emitiu dois selos comemorativos do 14.º Jambori Mundial. A associação escotista publicou também 10 000 sobrescritos do primeiro dia. Custa, cada um, 1 dólar US. (Association de Scouts de Venezuela, Apartado de Correos 1227, Caracas, Venezuela).

OS PAIS E OS FILHOS — HOJE

Continuação da pág. 12

cidade real de adaptação às diversas situações; compreensão pelos outros e seus pontos de vista; intimidade na comunicação com o dialogante.

4. *E atitude de serviço:* capaz de se empenhar, no que supõe capacidade de arriscar a sério e a longo prazo. Tomam consciência que devem: ser com os outros e ser para os outros, nos empenhamentos familiares, profissionais, sociais e políticos.

5. Disto deve resultar:

a. *Firmeza de carácter* fruto de convicções e não de opiniões: *a.* Gosto pelo diálogo; *b.* independência no opinável; *c.* personaliza a vida espiritual; *d.* compromete-se com os outros, em vista do bem comum a promover e cujas premissas aceita por convicção;

b. *Sensibilidade definida* e que pode degenerar em dureza, sobretudo no sexo masculino. Há traços importantes: lealdade, franqueza, rectidão. A presença correcta do outro sexo pode ser equilibrante;

c. *Entusiasmo pela acção* e pelos empenhamentos políticos e sociais. Nestes domínios facilmente colabora com o mais eficaz, que quase sempre é da esquerda. Sem ser romântico, todavia, torna-se, idealista e corajoso no serviço dos outros;

d. *Intelectualmente pode perder* vivacidade, mas é compensada pela experiência e conhecimento do concreto, que assimila com facilidade;

e. *Consciência* das suas possibilidades face à realidade que conhece objectivamente e enfrenta com calma;

f. *Capacidade de adaptação* a novas situações, de cooperar com os outros sem conflitos, aceitando uma autoridade coordenadora;

9. *Consciente* das suas possibilidades, toma rumos de especialização para ser mais útil à comunidade.

V — *Para se conseguir uma personalidade* coerente, estável, responsável, há que pôr o exercício da autoridade correctamente ao serviço do amadurecimento harmónico e progressivo dos filhos. Para isso algumas observações:

a. Criar oportunidades, exercitar progressivamente neles o autodomínio, a decisão e iniciativa;

b. Levá-los a *prestar serviços* aos outros e de modo que isso se torne o mais espontâneo possível. E que sejam oferecidos em verdade e não por sub-reptícias buscas de si mesmo, mas sim autêntica atitude oblativa.

c. Atitude de *confiança* em si e nos outros. Aceitar os inevitáveis limites a que estamos submetidos na vida diária;

d. *Não abdicar* da missão de paternidade. E em esperança activa, estimular o progresso de cada filho, cada um na sua linha ou vocação e segundo um estímulo diferente.

e. Saber *levar à decisão* correcta, pela via da razão. Mas ter a coragem de dizer não, quando for oportuno, mesmo que isso seja desagradável, para uma ou até as duas partes;

f. *Não os poupar* nas dificuldades que devem resolver por si. Senão cria-se uma falsa perspectiva da vida real. No amor, há dom inteligente; no mimo há busca de compensações que resultam desequilibrantes;

g. *Aceitação real* de que o filho não corresponde à imagem que dele se fez. E pela vida fora, promover a alteridade, a vocação pessoal e os meios a pôr em prática para a realizar. Isto exige aceitação material e psicológica continuada.

h. *A consciência* é o ponto de referência imediata para a acção. Mas há que se informar e formá-la. Não é padrão absoluto; há padrões para aferir e evitar subjectivismos desagregadores. Daí a atitude de submissão comum de pais e filhos, a esses aferidores, segundo os critérios evangélicos.

i. Os pais *devem «educar-se»* para se separarem dos filhos que precisam ser encaminhados para a autonomia. Há dois processos de autoridade, diferentes no seu estilo e no exercício, conforme os casos e situações:

a. A autoridade de *«mandato»* durante o período de desenvolvimento até ao momento que cada um opta, escolhe e vive a sua vida independente, social e economicamente;

b. A autoridade de *«orientação»* segue pela vida fora, por atitudes «de presença» paterna experimentada, acolhedora, aberta e discreta.

j. E mais ainda algumas normas mais concretas, no domínio da educação, recapitulando algumas afirmações:

1. Pelo já dito, insistimos na importância de ter sempre presente o sentido do indivíduo concreto, uma personalidade a definir-se com vocação pessoal a descobrir e a amadurecer, com problemática diferente nas diversas etapas do crescimento.

2. Educar para *saber querer* e não apenas *desejar*. Levá-los a assumirem responsabilidades proporcionais às possibilidades reais e habituá-los a serem fiéis aos compromissos assumidos.

3. Marcar as exigências de que cada um *organize o tempo;* distribuí-lo criteriosamente e cultivar a pontualidade.

4. Dar-lhes regularmente certa quantia em dinheiro e auxiliá-los à *hierarquização de gastos,* tendo em conta o dinheiro de que se dispõe e as necessidades primárias e secundárias. Dar-lhes a noção de que os bens têm uma função social.

5. No domínio dos estudos, há que limitar os extremos: auxiliá-los a saber estudar, criar condições de calma. Depois:

a. Nem demasiadas ajudas nem, muito menos, substituí-los no esforço a fazer; o explicador é uma anormalidade, a «cunha» um erro grave;

b. Apoiar os sucessos sem demasiados louvores, para quem cumpre o seu dever: o estudante deve estudar, como dever de ofício;

c. Não fazer do sucesso intelectual o único nem o mais importante dever da vida;

d. Exigir *horários e ritmos* para: comer, dormir, conviver e estudar;

e. Contactos regulares com os colaboradores na formação; professores, catequistas, etc. Nas queixas, ouvir, investigar, mas não fazer coro com os filhos, e não tomar atitudes depreciativas ou levianas acerca dos outros educadores;

f. Aceitar o fracasso dos menos dotados, como algo de normal, na experiência da vida real;

g. Aos incapazes, encaminhá-los para outras tarefas. Senão, corre-se o risco de os amachucar e neutralizar na revolta, como vencidos.

Continua na pág. 14

Quais são as figuras do Monumento dos Descobrimentos?

Vamos terminar neste número a publicação de curtos apantamentos biográficos acerca das figuras representadas no Monumento dos Descobrimentos, erguido em Belém (Lisboa). Como anteriormente, seguimos as indicações que nos são dadas pelo jornal «O Educador»:

NUNO GONÇALVES

Pintor régio português do século XV, a quem José de Figueiredo, com base num manuscrito de Francisco de Holanda, atribuiu os admiráveis painéis, expostos hoje no Museu da Arte Antiga, em Lisboa, conhecidos como o «Políptico de S. Vicente». Este artista, durante muito tempo quase ignorado, é hoje considerado o maior pintor português de todos os tempos, mercê da obra que lhe foi atribuída e a que acabamos de fazer referência. São-lhe atribuídos outros quadros, os quais, porém, não atingem a justa notoriedade conferida aos «Painéis».

LUÍS DE CAMÕES

Grande português, autor de «Os Lusíadas», obra-prima da literatura portuguesa. Dizer algo mais sobre a figura do genial poeta nesta pequena resenha é mera redundância, tal a estatura deste homem das Letras, que não se coaduna com breves referências.

FREI HENRIQUE DE CARVALHO

Religioso da Ordem Religiosa dos Franciscanos, que seguia na Armada de Pedro Álvares Cabral. Celebrou a primeira missa no Brasil.

FREI GONÇALO DE CARVALHO

Religioso dominicano. Foi enviado em 1610 para o Congo, a pedido do rei Álvaro II. Ali missionou e morreu anos depois.

FERNÃO MENDES PINTO

Famoso aventureiro e célebre escritor, autor de «Peregrinação», livro em que descreve as suas aventurosas viagens no Oriente, verdadeira obra-prima da literatura universal. *«Treze vezes cativo e dezassete vendido»,* como afirma na sua obra, é o resumo de uma aventura que torna este livro de crónicas um valioso repositório de informações sobre aquela faixa do continente asiático no final do século XVI.

D. FILIPA DE LENCASTRE

Rainha de Portugal, mulher de D. João I, julga-se que tenha desempenhado papel importante na vida política do país durante esse importante passo da nossa História, visto ter exercido benéfica influência sobre seu marido. Foi mãe do rei D. Duarte e dos notáveis príncipes D. Henrique, a quem muito se deve a epopeia dos Descobrimentos, D. Pedro, D. Fernando, D. Afonso e D. João e das infantas D. Branca e D. Isabel.

INFANTE D. PEDRO

Homem moderno e de grande cultura, tendo percorrido quase toda a Europa. Não sendo partidário da expansão de Portugal em Marrocos, é em grande parte sob sua influência que se inicia abertamente a política dos Descobrimentos. Após a morte de seu irmão, D. Duarte, é nomeado regente, lugar em que dá a exacta medida do seu real valor. Morre na batalha de Alfarrobeira, uma das páginas negras da nossa História.

OS PAIS E OS FILHOS — HOJE

Continuação da pág. 13

VI — Achegas para a compreensão entre Pais e Filhos:

a. O entendimento resultará, em larga escala, do conceito concreto que os Pais têm dos filhos e estes, dos Pais. Como ponto de partida, que os dois pólos admitam as personalidades, tarefas e mentalidades *diferentes* dos Pais e Filhos. Nunca manifestar preferências por um dos filhos;

b. Depende muito do *tempo* que se dedica à convivência mútua dentro e fora da família. A hierarquia na distribuição do tempo deveria ser: Família, profissão, vida social e política. E segundo este critério, fazer uma ordenação séria. Os pais devem viver muito do que vivem os filhos. A educação faz-se na interpretação desse real;

c. Esforço progressivo de *adaptação* dos pais aos problemas da actualidade. E isto obriga a um esforço comum e progressivo de crítica aos valores insertos na realidade, que pode ser chocante, mais pela forma, que pelo fundo ou valores que exprime (espectáculos, leituras, acontecimentos, etc.);

d. Evitar situações de angústia ou azedume diante dos erros da *actualidade*. A capacidade de erro é de *todas* as *idades*. Esta não é das piores. É diferente, com aspectos negativos e outros muito válidos;

e. A *piedade* cristã seja testemunhada em vida séria, coerente, filial e em amor recíproco. Na oração, evitar fórmulas que foram expressão duma sensibilidade que não é a deles. Manifestem fé adulta: não gregária, mas pessoal, reflectida, iluminadora de toda a realidade que os circunda; viva, comunicativa, mas respeitadora, missionária, mas dando-lhe noção dos próprios limites e o critério exacto para a prioridade de tarefas a assumir, aqui e agora, fazendo com que a *vida* seja *coerente*, vivida na sinceridade.

f. Que os Pais, na manifestação simples da *ternura mútua*, sem maniqueísmo nem sensualismo, revelem a beleza e a força do amor humano e cristão. Tenham a coragem de os iniciar, com verdade e respeito, na vida de relação com o outro sexo. Criem um *clima de Verdade* em todos os domínios, sabendo dizer «não sei». E recomeçar todos os dias e várias vezes ao dia a bela tarefa de fazer deles responsáveis construtores duma sociedade mais humana e nela fazer despertar, eclodir os valores do Reino.

VII — Resumidamente, eis o fundamental:

1. Os filhos, ao serem gerados por decisão dos pais, adquirem certos *direitos*, anteriores a qualquer contrato:

a. *Fisicamente* adquirem direito à vida, ao sustento, à educação, aos bens de herança.

b. *Espiritualmente* têm direito: ao equilibrante amor expresso dos pais, testemunho de vida honesta, à instrução, pelo menos ao nível atingido pelos pais, formação moral, individual e social, assim como religiosa adequadas:

c. *Socialmente* têm direito à eleição do estado de vida e liberdade para optar pelos meios conducentes a tal fim;

d. É obrigação dos filhos o respeito, amor e dedicação em relação aos pais. Devem, por meios adequados, orientar-se pela razão. E, se é cristão, pela luz e critérios evangélicos;

e. Pertence à Família fazer a *síntese* da cultura, escola e meio da Fé — Igreja, catecismo, sacramentos e liturgia, tendo em conta a capacidade actual do filho e aceitar e promover a progressiva emancipação;

2. O *Amor* dos pais deve ser o suporte da fé; assim como de todas as realidades que o filho vai descobrindo e assimilando. A perspectiva dos dois deve ser semelhante, e em renovação permanente. *Este amor humano e cristão expresso* é abertura para a Vida na Fé. Com efeito:

a. *A experiência amorosa e a de acreditar são semelhantes:* fé no amor ou amor na fé. De facto, a experiência do amor ultrapassa a atitude do saber puro: amar é acreditar no outro, abrir-lhe crédito, aceitá-lo na sua objectividade e liberdade.

b. *No amor conjugal autêntico:* acredita-se no outro, descentralizando-se de si, renova-se nele. Donde resulta um dar e receber, e dessa atitude o aprofundamento duma presença. Normalmente, é fonte de personalização esta fidelidade recíproca e em que Deus está presente.

c. Na *fidelidade*, renovada constantemente, há encaminhamento para a Fé: deixa-se de ser o centro e confia-se no outro e finalmente adesão a Jesus Cristo. Assim, o amor dos Pais é *testemunha do Absoluto*. Se não for deteriorado, brota d Ele e regressa à Fonte.

d. Os Pais são de direito e podem ser de facto educadores. Mas só o serão pela *força espiritual reconhecida*. Por ela, o filho baptizado torna-se um «cidadão evangélico» enquanto vai aderindo à vida comunitária, num estilo cristão consciente. Para isso concorrem portanto: amor recíproco, fidelidade, abertura à Verdade, respeito pela liberdade, distinguindo o que é certo e opinável e atitude de hospitalidade para com todos os que precisam. Isto concretiza-se numa casa, espaço delimitado, quase sagrado, em que a Vida se refaz, na intimidade, unidade e perdão recíprocos. Aprende-se a escutar. Por osmose, comunica-se, desabrocha a Humanidade e abre-se para o Absoluto.

Fr. Bernardo, o. p.

SABE RESPEITAR A ELECTRICIDADE?

Nem todos os que trabalham com electricidade têm que ser necessariamente electricistas, mas há que ter conhecimentos básicos para fazer até as mais simples reparações e saber como agir em certas circunstâncias.

Primeira coisa a recordar: não é a quantidade de electricidade que origina a diferença entre a vida e a morte, mas sim a corrente que passa através das partes vitais do corpo. A única diferença entre a baixa e a alta tensão é que, quanto mais alta for a tensão, maiores são as possibilidades de ser electrocutado. Mas, mesmo 40 vóltios podem matar, se todas as condições forem propícias a isso. Enquanto, por exemplo, ao tocar num cabo de 110 vóltios, se tiver mãos secas e limpas, fora de contactos com metal, e se estiver colocado sobre uma base isolante, apenas sentirá um ligeiro choque, o mesmo não se passa no caso inverso. Se estiver a suar e parado sobre uma superfície de metal ligada à terra, a sua resistência será tão baixa que através do corpo passará corrente suficiente para fazer perder o conhecimento. Poderá, inclusivamente, morrer se não for aplicada imediatamente a respiração artificial.

Quanto mais rapidamente se interromper a corrente, maiores são as possibilidades de sobrevivência das vítimas. Assim, a primeira coisa a fazer é cortar a corrente ou libertar a vítima, mas de maneira a não ser também atingido pela corrente.

Tenha, no entanto, sempre a preocupação de nunca fazer qualquer trabalho eléctrico de que não tenha sido encarregado.

A electricidade é, por vezes, um passatempo mortal! — *C. P. e Segurança.*

Um sorriso

1 — Nada custa, mas rende muito.
2 — Enriquece quem o recebe, sem empobrecer quem o dá.
3 — Às vezes dura um instante, mas os seus efeitos nunca acabarão.
4 — Ninguém é tão rico que o possa desprezar.
5 — Ninguém é tão pobre que o não possa oferecer a todos.
6 — Cria a felicidade em todos e em tudo.
7 — É o símbolo da amizade e de boa vontade: É medicina para os doentes; repouso para os fatigados; nesga de sol para os tristes e ressurreição para os desesperados.
8 — Não se compra nem se recebe a crédito: ninguém o pode roubar.
9 — Nenhuma moeda pode pagar a sua preciosidade. Se durante o tempo de embirração, os vossos empregados não estiverem muito dispostos para vos sorrir, tende compaixão deles: dai-lhe vós um sorriso de compreensão, porque...
10 — Não há ninguém que tenha mais necessidade de um sorriso do que aquele que o não pode ou não o quer oferecer.

DOS AÇORES

ACAMPAMENTO NA TERRA-CHÃ

Sob a orientação da equipa «Luís de Camões», realizou-se na Canada do Rolo, freguesia da Terra-Chã, de 11 a 15 de Setembro, o último acampamento da temporada do Grupo N.º 52 da A. E. P., de Angra do Heroísmo.

Chefiou o campo, o caminheiro Jorge M. G. Coelho, coadjuvado pelo Chefe-Adjunto Ludgero M. Moreira.

O acampamento teve concorrência regular e um variado programa de actividades campistas.

REUNIÃO ESCOTISTA AMERICANA

No dia 18 de Setembro, realizou-se no salão principal do Centro Recreativo da Estação Americana das Lajes, na Ilha Terceira, uma reunião solene, para imposição do grau de Escoteiro da Pátria (*Eagle Scout*), ao filiado do «*Troop I Boy Scouts of America*», David B. Warner.

Estiveram presentes cerca de 200 pessoas, incluindo doze convidados de honra, compreendendo o brig.-general Erskine Wigley e outros oficiais da comunidade americana das Lajes, e bem assim o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, delegado dos Serviços Centrais da A. E. P. nos Açores, e o Sr. Francisco Saul P. Mouro, chefe do agrupamento 23 do C. N. E., na Vila da Praia da Vitória.

Colaboraram activamente na cerimónia, além do general Wigley, o ten.-cor. Eugene Gray (presidente do grupo americano) e o escoteiro Paul Selva (também «*Eagle Scout*»).

O DELEGADO DO «SEMPRE PRONTO» EM PONTA DELGADA

O E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, delegado do «Sempre Pronto» e dos Serviços Centrais da A. E. P. nos Açores, deslocou-se, de 3 a 10 de Outubro passado, a Ponta Delgada, na vizinha Ilha de S. Miguel, para uma visita aos diversos membros da Fraternal e elementos escotistas da ilha irmã.

Assistiu a duas reuniões no Grupo N.º 80 da A. E. P., onde trocou impressões com os chefes Floriberto Melo e Eduardo Macedo. Na reunião do dia 9, foi projectado um filme realizado pelo chefe Floriberto, no acampamento de Verão do seu grupo, que se realizou nas Furnas (S. Miguel). Igualmente foi projectada uma série de diapositivos, sobre o mesmo assunto, da autoria do chefe Macedo.

ACTIVIDADES DO GRUPO 80

Além das actividades do Grupo 80 na sede e da sua secção em Lagoa, com elementos das três divisões, já com actividade regular também em S. Roque, nos arredores de Ponta Delgada, o «80» iniciou a organização duma nova secção escotista, nas 3 divisões.

VISITA A BORDO DO «DENMARK»

No domingo, 5 de Outubro, o chefe Moniz Silva, visitou o navio-escola da Marinha Mercante dinamarquesa, que havia dias se encontrava no porto de Ponta Delgada, em instrução de cadetes.

O chefe Moniz Silva (que é também agente de Ligação dos Escoteiros do Alto-Mar da Associação Britânica), conseguiu saber que havia elementos escotistas a bordo, e, depois das apresentações da praxe, percorreu o navio na companhia do escoteiro dinamarquês Jorgen Holme, de Silkeborg (de 17 anos). — *M. S.*

As abelhas e a nossa vida

POR PETER JACKSON, WWF

Para iniciar as crianças nos mistérios da vida sexual, a tradição queria, em certos países, que se começasse por lhes falar das abelhas e dos pássaros. Poder-se-ia hoje fazer o contrário e começar a falar da sexualidade insistindo na importância das abelhas e dos pássaros na nossa vida.

Quando se fala nas abelhas, pensa-se logo no mel — alimento agradável, mas não indispensável — esquecendo aquilo que de mais precioso as abelhas levam ao homem: a polinização das plantas através das flores que produzem úteis frutos. Um especialista americano de apicultura, o Dr. Floyd Moeller, da Universidade de Wisconsin, calculou que a abelha melífera é vinte vezes mais útil como agente de polinização do que como produtora do mel.

A importância das abelhas na nossa vida é incontestável. Mas que acontece hoje? Elas são dizimadas pelos produtos químicos com que se regam as colheitas para eliminar os insectos e outros animais nocivos. Na Califórnia, calcula-se que até 20 % das abelhas melíferas deste estado têm sido destruídas no decorrer dos últimos anos, o que corresponde a duas vezes a sua taxa de mortalidade nos últimos dez anos.

Calcula-se em quatro biliões de dólares as perdas causadas às colheitas em resultado da mortalidade das abelhas, o que se deve ao uso dos pesticidas. Entre estas colheitas, há maçãs, cerejas, ameixas, brócolos, pepinos, couves, melões, assim como muitos outros frutos, legumes e hortaliças. Este número inclui também plantas forrageiras para o gado, como a luzerna.

Encara-se actualmente uma função da mais alta importância para as abelhas, no desenvolvimento da cultura da soja híbrida. As novas variedades desta leguminosa são, assegura-se, duas vezes mais produtivas do que aquelas que hoje se semeiam e dependem quase inteiramente da polinização pelas abelhas. Até ao momento, o número de colónias de abelhas deveria aumentar consideravelmente, mas, de facto, está em decrescimento.

Não quer isto dizer que se não reconheça a importância das abelhas. De facto, elas são desde há muito tempo espécies protegidas em numerosos países. Na Suíça, vêem-se cartazes mostrando uma abelha num triângulo vermelho, indicando que se não devem vaporizar pesticidas sobre as árvores frutíferas, quando estão em flor, para não matar as abelhas. Acontece que amadores de jardinagem, que não possuem os conhecimentos aprofundados dos agricultores de profissão, espalham os insecticidas por inadvertência, em momentos em que se não deveriam servir deles, matando assim muitas abelhas.

Outras formas de progressão causam adversamente efeitos nocivos às abelhas. Antigamente, os agricultores fertilizavam a terra lavrando à charrua os legumes cujas flores forneciam o seu néctar às abelhas. Hoje, estão-se servindo cada vez mais de adubos artificiais e não há nada para as abelhas. O avanço inexorável dos edifícios de cimento através dos antigos campos cultivados tem também o seu efeito.

Se se quiser avaliar em dinheiro a importância da apicultura, dificilmente se encontrará melhor exemplo do que o dos cultivadores de arandos do Wisconsin. Quando o Dr. Moeller e a sua equipa fizeram a descoberta de que uma polinização eficaz pelas abelhas permitiria aumentar a produção de arandos, os plantadores apressaram-se a alugar dois mil enxames, aumentando assim de quatro milhões de dólares o valor das suas colheitas.

Coisa estranha, muitos países em vias de desenvolvimento procuram aumentar simultaneamente o uso de adubos artificiais e a apicultura. Mas se os produtos químicos são empregados fora da estação, corre-se o risco de destruir os investimentos feitos pelas abelhas, que são indispensáveis para aumentar a produção dos géneros alimentares.

É preciso ter conta de uma outra ameaça, o perigo que as abelhas podem causar à sua própria espécie. Abelhas de África, que fornecem duas vezes mais mel do que as espécies indígenas, foram levadas ao Brasil em 1956, por um sábio que pretendia cruzá-las com as espécies locais. Infelizmente, certas rainhas da espécie africana escaparam-se e enxamearam-se no estado selvagem. O aborrecimento é que as abelhas africanas são muito agressivas. Atacam as outras abelhas, os homens e os animais domésticos e as suas picadas são por vezes mortais. Desorganizam assim a produção do mel e a polinização. Procura-se já, nos Estados Unidos, os meios de conjurar os progressos das abelhas africanas no país onde elas poderão chegar por migração natural dentro de dez ou quinze anos. Espera-se, entretanto, que não sejam deliberadamente ou acidentalmente importadas.

Do «*World Scouting*» — *Abril-Junho de 1975.*

O JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 16

dioamadorismo, em que foram abordados os temas sobre «Escotismo em Portugal e no mundo» e «Radioamadorismo». Foram projectados diversos filmes sobre esta actividade.

O JOTA NOS AÇORES

Por ocasião da realização deste JOTA, o nosso delegado nos Açores, o prezado companheiro Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou um abraço de saudação para todos os que trabalham no *Sempre Pronto*.

Agradecemos e retribuímos.

* * *

No próximo número, referir-nos-emos mais detidamente a esta actividade.

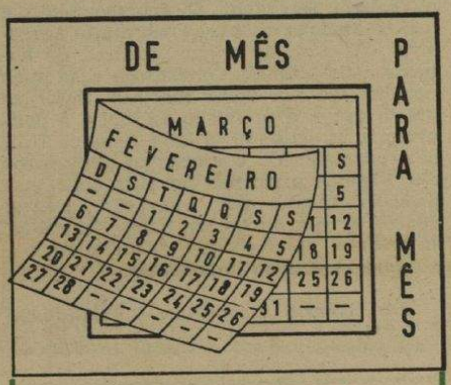
CORRIGENDA

Desejamos rectificar que não se trata de elementos do Grupo 23 os que aparecem na fotografia que ilustra a pág. 9.ª do nosso número de Março/Abril último, a qual dá uma imagem da actividade *a bordo* do CT 1 CNE em S. Domingos de Rana.

CONFIRMADOS OS BONS AUSPÍCIOS QUE ESTA ACTIVIDADE TINHA SUGERIDO

Cerca de 60 postos no continente e 9 nas ilhas adjacentes estiveram a operar durante o XVIII Jambori no Ar, é o resultado que confirma as auspiciosas perspectivas que os membros da Organização Nacional mantinham acerca deste empreendimento.

No sábado, à uma hora, a estação da Organização Nacional — CT 1 JAM (CT 1 IJ) iniciou, entre nós, esta actividade, para o que tinha sido previamente combinado um encontro nos 80 metros, o qual foi a mola real deste JOTA-75. Houve, logo aí, grande animação, pois todas as estações participantes foram chamadas por ordem, respondendo elas com uma mensagem.



GRANDE TAREFA!

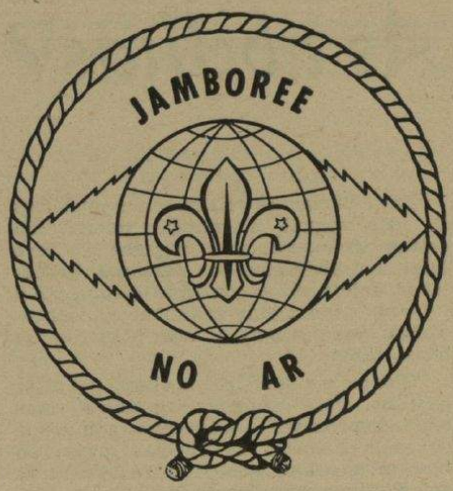


Os jovens escoteiros encontraram-se uma vez mais através da rádio e trocaram afectuosas mensagens de amizade, que reforçaram laços de mútua compreensão não só entre os rapazes portugueses, mas também com camaradas de todos os cantos da Terra, numa afirmação de fraternidadc perfeitamente ímpar no atribulado mundo em que vivemos.

Não se perguntou ao interlocutor que respondia à chamada JAMBORI se era branco ou negro, mulato ou amarelo; se era da direita ou da esquerda; se se afirmava cristão, judeu ou maometano, mas apenas se era Escoteiro, quer dizer se era partidário da Amizade, lutador contra o ódio divisionista e traidor.

As saudações cruzaram o espaço em todas as latitudes e o correio levará agora e ainda novas manifestações de fraternidade no reforço dos laços conquistados.

Grande tarefa esta do Escotismo. Fomentar ideais de Generosidade e Amizade na gente nova, sementes de Paz e Compreensão num mundo dividido por ódios. Que cada Escoteiro se dedique cada vez mais a tão nobre acção!



Foi, como é de calcular, o início de uma jornada de confraternização entre os escoteiros das nossas duas associações e do Brasil, assim como de diversos postos estrangeiros.

No Parque de Escotismo da Caparica, a Organização Nacional montou o posto CT 1 AEP, que operou também em *Slow Scan* (Televisão). A montagem deste posto durou mais de três horas, trabalho em que colaboram, além do radioamador Sr. Raul Baptista, escoteiros de vários grupos e foi seguido por todos com grande interesse.

Na sede da Rede dos Emissores Portugueses funcionou o posto CT 1 JRL, operado pelo radioamador cego Sr. Manuel de Matos. Em Paço de Arcos, Queluz, Lisboa, Coruche, Odivelas, Amadora, Sassoeiros e Coimbra estiveram *no ar* outros emissores, tendo proporcionado alguns dos momentos altos deste Jambori no Ar.

MENSAGENS TRANSMITIDAS

Foram transmitidas mensagens dos presidentes da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Fraternal dos Antigos Escoteiros, assim como do Organizador Nacional.

O GRUPO 1 E O JOTA

O Grupo 1 realizou, no dia 2 de Outubro, uma sessão de propaganda de ra-

Continua na pág. 7

NO ANO DE 1976, O DIA MUNDIAL DO AMBIENTE SERÁ CONSAGRADO À PROTECÇÃO DA ÁGUA

A sede das Nações Unidas para o Ambiente, que está estabelecida em Nairobi, no Quénia, acaba de anunciar que o tema do programa para o Dia do Ambiente no próximo ano, em 5 de Junho, será o seguinte: «A água: meio de vida vital», tema que será observado no mundo inteiro, dando-se ênfase especial ao problema da protecção das águas até 4 de Junho de 1977.

JUSTIÇA DE PALAVRAS, JUSTIÇA EM ACTOS

— A justiça, não é suficiente falar dela... é preciso querer justiça! Se quero que reine esta, devo primeiro dar-me conta das minhas responsabilidades face às injustiças com as quais sou confrontado diariamente.

A justiça, é preciso não só desejá-la; mas realizá-la no seu próprio meio de vida.

— Querer a justiça é, se houver violência, sacrificar sem dúvida uma parte do seu bem-estar, do seu conforto, do seu tempo, tendo suficientes aberturas para escutar verdadeiramente os outros e afastar os prejuízos de toda a sorte (classe, raça, política, religião...).

A justiça supõe também: *procura* e paciência, compreensão e respeito dos outros; reconhecer a cada um o valor intrínseco da sua pessoa.

— Não sejamos fariseus dos tempos modernos! Tentemos enfim o esforço de procurar compreender os problemas do próximo.

Poderemos nós ser justos para com o Terceiro Mundo sem o ser no nosso lar? Poderemos praticar a justiça do outro lado do mundo e simultaneamente deixar ou fazer reinar a injustiça em família?

Uma verificação se impõe aqui: não há justiça sem amor, nem amor sem justiça...

São estas algumas ideias que quisemos compartilhar convosco. Todavia, desejaríamos nós também ser esclarecidos por todos aqueles que gostariam de exprimir os seus conselhos acerca das linhas precedentes, permitindo-nos assim realizar um trabalho ainda mais construtivo.

Uma Equipa de Fraternidade de Caminheiros.
(Chaîne La Source)

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
Armando Inácio

Equipa de Administração:
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso duplo: 10$00 — Assinatura anual: 60$00